

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CRISTIANE BARBOSA SOARES

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DO PROJETO SAÚDE E
PREVENÇÃO NAS ESCOLAS EM URUGUAIANA/RS**

**Uruguaiiana
2014**

CRISTIANE BARBOSA SOARES

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DO PROJETO SAÚDE E
PREVENÇÃO NAS ESCOLAS EM URUGUAIANA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências da Natureza.

Orientadora: Fabiane Ferreira da Silva

**Uruguaiiana
2014**

CRISTIANE BARBOSA SOARES

**SEXUALIDADE NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DO PROJETO SAÚDE E
PREVENÇÃO NAS ESCOLAS EM URUGUAIANA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências da Natureza.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 23 de agosto de 2014.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fabiane Ferreira da Silva
Orientadora
UNIPAMPA

Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti
UNIPAMPA

Profa. Dra. Elena Maria Billig Mello
UNIPAMPA

Às/aos professoras/es multiplicadoras/es do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas que aceitaram o meu convite e tornaram viva esta pesquisa.

AGRADECIMENTO

É chegado o momento de agradecer às pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Às pessoas que se fizeram presentes na minha vida e em minha trajetória acadêmica...

À minha orientadora, Professora Doutora Fabiane Ferreira da Silva, pela apresentação das temáticas de corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na perspectiva dos Estudos Culturais, pelas leituras e acompanhamento atento dos meus escritos, pela oportunidade de crescimento, pelo convívio ao longo de todos esses anos dedicados à graduação que me mostraram o exemplo de profissional e pelo exemplo de mulher que é.

À Comunidade Aprendente em Estudo Pesquisa-Extensão Educacional (CAEPEE/UNIPAMPA), em especial à colega Flávia Manoela Pedroso Fagundes, ao colega Jean Rodrigo Thomaz e às professoras Diana Paula Salomão de Freitas, Elena Maria Billig Mello e Fabiane Ferreira da Silva por esta caminhada de aprendizagens, compartilhamentos, experiências, amizade e muitas alegrias.

Às/aos professoras/es do curso Ciências da Natureza, pela coragem e comprometimento do desafio desta formação docente e construção do conhecimento.

Ao professor Vanderlei Folmer pelas oportunidades e incentivo.

A todas/os as/os colegas da Primeira Turma de Ciências da Natureza “Los Perdidos” pela cumplicidade e conquistas, pois afinal a pior também se forma.

À minha família por compreender a importância do estudo na vida e pela paciência nos momentos em que estive ausente.

Enfim, à minha mãe e ao meu pai, por um sem número de razões.

“Inventei de mexer com quem estava quieto, puxei conversa, dei-me ao atrevimento de cutucar onças com vara curta. Agora aqui estou, meio atordoado por tantas vozes, incerto de meus próprios caminhos, mas desejoso de trazer mais vozes à mesa de nossa interlocução”. (MARQUES, 1997, p. 25).

RESUMO

Neste trabalho investigo os discursos do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas de Uruguaiana/RS ao abordar a temática sexualidade, através de narrativas de professoras/es multiplicadoras/es. A pesquisa foi orientada pelas teorias dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Neste estudo entendo sexualidade como uma construção social, cultural, histórica e discursiva em meio a relações de poder. Metodologicamente o estudo está ancorado nos pressupostos de Jorge Larrosa e de Michael Connelly e Jean Clandinin. Orientado por esses autores, entendo narrativa como uma metodologia investigativa e uma prática que constitui os sujeitos. Utilizei como estratégia de produção de dados a entrevistas individuais semiestruturadas realizadas com oito professoras/es multiplicadoras/es do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, do município de Uruguaiana. Desta forma, através de suas narrativas, procurei conhecer as motivações para a escolha de participação no projeto, de que modo/como entendiam sexualidade, que tipo de capacitação o programa oferece para as/os professoras/es multiplicadoras/es, sua trajetória no projeto, suas ações na escola como multiplicadoras/es, a importância do programa para as escolas e alunas/os e como percebiam a importância do projeto de acordo com seus entendimentos sobre sexualidade. Para as análises das entrevistas estabeleci conexões com vertentes pós-estruturalistas, o que permitiu perceber que sexualidade ainda é entendida como algo privado, anônimo, cercado por um tabu social produzido culturalmente. Essas percepções, me remeteram a compreender que ao discutir, problematizar, refletir questões relacionadas a essa temática nas práticas escolares acabam reafirmando discursos hegemônicos sobre sexualidade. Ao mesmo tempo, que a escola legitima o determinismo biológico em seus discursos, as/os professoras/es multiplicadoras/es, interpeladas/os pelas abordagens do projeto, sinalizam a emergência de outras compreensões de/sobre sexualidade a fim de valorizar a diversidade sexual e combater o preconceito. Outro aspecto evidenciado refere-se à importância do projeto nas escolas do município de Uruguaiana como um mecanismo educativo que conduz comportamentos a serem seguidos pela população, o que me faz pensar o projeto como uma estratégia regulamentadora da população. Analisar as narrativas produzidas pelas entrevistas, me possibilitou compreender que a temática sexualidade é atravessada por múltiplos processos que implicam na sua abordagem dentro da instituição escolar e que, conseqüentemente, refletem no currículo disciplinar.

Palavras-chave: Sexualidade. Escola. Narrativas. Multiplicadoras/es.

ABSTRACT

In this work we investigate the discourse of the project Health and Prevention in Schools Uruguaiana/RS to address the sexuality issue, through narratives of multiplier teachers. The research was guided by theories of Cultural Studies, in its post-structuralist strands. In this study, I understand sexuality as a social, cultural, historical and discursive construction amidst power relations. Methodologically the study is anchored on the assumptions of Jorge Larrosa and Michael Connelly and Jean Clandinin. Guided by these authors, I understand narrative as a research methodology and a practice that constitute subject the. I Utilized strategy the production the as data collection semi-structured interviews by eight teachers project of Health and Prevention in Schools project, on the municipality of Uruguaiana. Thus, through their narratives, I sought to know the reasons for choosing to participate in the project, how to understand sexuality, what kind of training the program provides for the teachers, the project, its trajectory in the project their actions in school, the importance of the program for schools and students / them and how they perceived the importance of the project according to their understandings of sexuality. For the analyzes of the interviews established connections with post-structuralist strands, enabling realize that sexuality is still perceived as something private, anonymous, surrounded by a social taboo culturally produced. These perceptions, sent me to understand that when discussing, questioning, reflecting the thematic issues related school practices end up reaffirming hegemonic discourses on sexuality. At the same time, that legitimizes school biological determinism in his speeches, the teachers, peer es, challenged / by the design approaches, signal the emergence of other understandings of about sexuality in order to enhance sexual diversity and combat prejudice. Another aspect is evidenced the importance of design in schools from Uruguaiana as an educational mechanism behavior to be followed by the population, which makes me think of the project as a regulatory strategy of the population. Analyze the narratives produced by interviews enabled me to understand that the theme sexuality is crossed by multiple processes involving in its approach within the school institution and therefore reflect the disciplinary curriculum's.

Keywords: Sexuality. School. Narratives. Education. Multiplier.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO.....	11
2 CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO DE ARTICULAÇÕES DA PESQUISA	14
3 TRABALHOS	16
3.1 O PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS COMO UMA BIOPOLÍTICA DA POPULAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS/OS MULTIPLICADORAS/ES.....	17
3.1.1 Resumo	17
3.1.2 Introdução	17
3.1.3 O contexto biopolítico do projeto saúde e prevenção nas escolas.....	19
3.1.4 Enfim... ..	21
3.1.5 Referências	21
3.2 SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS: RESSIGNIFICANDO OS OLHARES SOBRE SEXUALIDADE	23
3.2.1 Resumo	23
3.2.2 Introdução	23
3.2.3 Conhecendo o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas	26
3.2.4 O SPE em Uruguaiana/RS.....	27
3.2.5 Sexualidade e Escola	28
3.2.6 Percurso metodológico	29
3.2.7 As/os professoras/es multiplicadoras/es e seus entendimentos sobre sexualidade.....	30
3.2.8 Reflexão final, sem conclusões reveladoras de “verdades”	36
3.2.9 Referências	37
3.3 DESENHO DO PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE URUGUAIANA/RS.....	39
3.3.1 Introdução	39
3.3.2 Referencial Teórico	39
3.3.3 Material e Método	40
3.3.4 Análise e Discussão	40
3.3.5 Considerações.....	40
3.3.6 Referências	41

3.4 SEXUALIDADE NA ESCOLA: IMPASSES, DIFICULDADES E AVANÇOS O QUE DIZEM AS/OS MULTIPLICADORAS/ES DO PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS	42
3.4.1 Resumo	42
3.4.2 SEXUALITY IN SCHOOL: IMPASSES, CHALLENGES AND ADVANCES WHAT THE MULTIPLIERS OF THE PROJECT HEALTH AND PREVENTION IN SCHOOLS SAY 42	
3.4.3 Abstract.....	42
3.4.4 Tecendo algumas considerações iniciais.....	43
3.4.5 Sexualidade na escola.....	44
3.4.6 Os sujeitos da pesquisa e os “dados” da investigação	47
3.4.7 (Des)Caminhos da sexualidade na escola: uma análise das narrativas de professoras/es multiplicadoras/es de Uruguaiana	48
3.4.8 Enfim.....	53
3.4.9 Referências	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA – PESQUISADORA.....	56
5 PERSPECTIVAS FUTURAS – SAINDO DA ZONA DE CONFORTO.....	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXO A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA DAS/OS PROFESSORAS/ES MULTIPLICADORAS/ES.....	65
ANEXO B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS DE PESQUISA.....	66
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	67
Título do Projeto: Sexualidade na Escola: estratégias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiana/RS	67
ANEXO D – NORMAS PARA SUBMISSÃO VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH.....	69
ANEXO E – NORMAS PARA SUBMISSÃO VI SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, II ENCONTRO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE	70
ANEXO F – NORMAS PARA SUBMISSÃO ANAIS DO III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:	71
ANEXO G – NORMAS PARA SUBMISSÃO REVISTA CIÊNCIA & EDUCAÇÃO.	72

1 INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO

Mas o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver ancorado na estrutura subjetiva, corporal do desejante. Não pode o tema ser imposição alheia. Deve-se ele tornar paixão, desejo, trabalho, construído pelo próprio pesquisador.
(MARQUES, 1997, p. 32).

O trabalho tem o objetivo de investigar os discursos¹ do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) no município de Uruguaiana/RS, referente às questões de sexualidade na escola. Para tanto, utilizo como objeto de análise as entrevistas semiestruturadas realizadas com oito professoras/es multiplicadoras/es atuantes na rede básica de ensino do município.

Ao tomar as narrativas de multiplicadoras/es como objeto de pesquisa, tive além do objetivo da investigação das abordagens e entendimentos da temática sexualidade a intenção de fomentar a visibilidade do projeto SPE e suas ações no município através da divulgação deste estudo em eventos científicos. Com isso, foi possível compartilhar concepções, trocar experiências e reconstruir entendimentos para o andamento da pesquisa. Assim, é importante levar em consideração os inúmeros atravessamentos e contribuições dos diferentes saberes, de modo que se constituam diálogos que permitam questionar e refletir sobre a temática sexualidade. Desta forma, esta pesquisa pode colaborar para que as/os professoras/es multiplicadoras/es repensem seus entendimentos sobre sexualidade ao refletirem sobre os discursos e práticas produzidos na escola através do SPE.

Ressalto ainda a importância da divulgação e publicação do estudo em eventos da área de educação, ciência e sexualidade, o que contribui para compartilhar as experiências produzidas no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, optei por escrever este trabalho em dois artigos e dois resumos expandidos. Como já mencionado, esses trabalhos são constituídos das análises dos “dados” narrativos produzidos pela participação de professoras/es multiplicadoras/es. Sabendo da

¹ Cabe destacar que entendo discurso a partir da perspectiva foucaultiana, ou seja, os discursos são mais do que um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou a representações, são práticas que formam sistematicamente os objetos que falam.

possível reprodução e repetição de conceitos, entendimentos e discussões, fiz um recorte, selecionei algumas narrativas, deixei-me interpelar por alguns aspectos, e não por outros. Desse modo, procurei produzir trabalhos que apresentassem categorias de análise diferenciadas, mas articulados entre si. Além disso, ressalto que durante a escrita me detive às delimitações impostas para submissão dos trabalhos, isto em alguns momentos me impossibilitou de aprofundar as análises e apresentar outras narrativas ilustrativas. Contudo, considero que os trabalhos foram “produtivos”, na medida em que possibilitou submissão de um artigo e dois resumos expandidos para apresentação e participação em eventos internacionais da área da educação, ciência e sexualidade e produção de um quarto artigo para uma revista da área da educação e ciência, que será submetido após as considerações da banca examinadora. Desta forma, este trabalho está estruturado em quatro momentos. No primeiro momento apresento como ocorreu a construção para seleção e convite dos sujeitos participantes da pesquisa. O segundo momento está organizado no compilado de produções teóricas que compõe esta pesquisa, baseadas em quatro trabalhos.

No primeiro trabalho, que se trata de um resumo expandido, intitulado **O projeto Saúde e Prevenção nas Escolas como uma biopolítica da população: uma análise das narrativas dos/as multiplicadores/as**, analiso nas narrativas das/os professoras/es multiplicadoras/es a importância do SPE para a escola e as/os alunas/os. Na análise enfatizo a importância da produção de políticas públicas no ambiente escolar, problematizando a importância do projeto nas escolas do município de Uruguaiana. Assim, baseada na perspectiva teórica de biopolítica e biopoder dos estudos de Foucault, procurei mostrar que as ações do SPE se tratam de um processo educativo que conduz comportamentos a serem seguidos pela população.

No segundo trabalho, artigo intitulado **Saúde e Prevenção nas Escolas ressignificando os olhares sobre sexualidade**, problematizo o entendimento das/os professoras/es multiplicadoras/es sobre sexualidade e trago para discussão a análise de suas histórias ao narrarem as estratégias e práticas utilizadas na escola para abordar a sexualidade, buscando compreender e dar sentido aos entendimentos das/os multiplicadoras/es. A análise das narrativas reafirmaram que trabalhar com sexualidade ainda é um desafio enfrentado por educadoras/es, pois estas/es foram se construindo a partir da visão que considera sexualidade uma materialidade biológica, de trato íntimo. Contudo, considerando os atravessamentos da cultura e da história na constituição das identidades dessas/es professoras/es, ressalto a contribuição do projeto SPE para a reconstrução de seus entendimentos a partir da

compreensão de outras formas de sexualidade, ou seja, ressignificando seus olhares sobre sexualidade.

No resumo expandido, intitulado **Desenho do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Uruguaiana/RS**, procuro olhar o SPE em Uruguaiana a partir da visão das/os multiplicadoras/es. Apresentando o desenho do SPE a partir dos dados que emergiram nas narrativas das/os participantes da pesquisa, procurei ressaltar a importância do projeto para a formação continuada de profissionais das áreas da educação e da saúde do município colaborando para a apropriação de estratégias intersetoriais.

E no quarto e último trabalho, artigo intitulado **Sexualidade na escola: impasses, dificuldades e avanços o que dizem as/os multiplicadoras/es do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**, procuro analisar, nas narrativas, como se dá o processo de desenvolvimento das abordagens que envolvem as questões relacionadas à sexualidade, buscando problematizar impasses, dificuldades e avanços da temática sexualidade na escola. Ao discutir tais problemáticas, entendo que a abordagem da sexualidade ainda enfrenta múltiplos atravessamentos que implicou em regulações, normas, legitimidades... Neste sentido, chamo atenção para a desestabilização desses discursos através das contribuições que as/os profissionais da educação podem exercer a partir das outras formas de compreender a sexualidade.

No terceiro momento, buscando desinquietar minhas concepções e provocando minhas identidades, procuro refletir sobre as minhas práticas como discente em espaços culturais implicados na produção das sexualidades para a constituição de minha identidade docente. Enfim, no quarto momento busco espaço para construir possibilidades para além da graduação.

2 CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO DE ARTICULAÇÕES DA PESQUISA

*As ciências modernas, constituídas na
perquirição de um ideal de objetividade absoluta
independente dos sujeitos que conhecem,
percebem que agora que suas antigas certezas se
dissolvem e que o mundo se torna objetivo nas
comunicações culturais.
(MARQUES, 1997, p. 55)*

A fim de estabelecer uma relação interpessoal e de vínculo com o projeto SPE, procurei as coordenadoras do Grupo Gestor Municipal (GGM) do projeto no município, as quais representam a Secretaria Municipal de Educação de Uruguaiana (SEMED), a 10ª Coordenadoria Regional do Estado (CRE) e a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente (SESMA), a fim de participar das reuniões mensais do grupo e para estabelecer contato com as/os professoras/es multiplicadoras/es do projeto.

Desta forma, o contato obedeceu quatro passos: 1 – efetiva participação da pesquisadora em reuniões do grupo SPE para conhecer o grupo de multiplicadoras/es; 2 – publicização da proposta de pesquisa ao GGM; 3 – contato direto da pesquisadora com as/os professoras/es multiplicadoras/es via eletrônica e/ou por telefone oficializando o convite à participar da pesquisa; 4 – após aceite, a pesquisadora entrou em contato via e-mail e/ou por telefone para agendamento das entrevistas individuais, combinando data, local e horário.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, estabeleci critérios de inclusão, em que para cumpri-los, as/os convidadas/os deveriam fazer parte de escolas que participam do projeto SPE. Com isso, busquei selecionar 10 escolas da rede pública de ensino dentro das cinco (5) regiões do município. Assim, foram selecionadas duas escolas por região sendo uma escola da rede municipal e uma escola da rede estadual, a fim de compreender toda extensão territorial do município as escolas deveriam abranger bairros distintos dentro dos limites de suas regiões. Obedecendo aos critérios foram convidadas/os a participar da pesquisa professoras/es multiplicadoras/es atuantes nas 10 escolas selecionadas que compreendem a zona urbana e rural da cidade de Uruguaiana, buscando abranger as regiões do município como um todo. Como o GGM trabalha com uma/um representante do projeto por escola, foram convidadas/os

dez (10) professoras/es multiplicadoras/es do SPE, no entanto, houve oito (8) retornos de aceite para participar da pesquisa.

Com o objetivo de analisar narrativas das/os professoras/es multiplicadoras/es do SPE sobre sexualidade na escola, buscando problematizar suas abordagens e entendimentos, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais², nas suas vertentes pós-estruturalistas. Para tanto, utilizo como estratégia metodológica a investigação narrativa e, como ferramenta de “coleta de dados”, a entrevista semiestruturada (ANEXO A).

A fim de obedecer às questões éticas, destaco que os nomes das/os participantes da pesquisa ou qualquer questão que pudesse vir a identificar a/o participante (nome da escola, nome de outras pessoas, entre outros aspectos) foram suprimidos das narrativas e desta forma não foram, nem serão divulgados nas produções científicas e nas apresentações de trabalhos em eventos, bem como, a análise das narrativas possuem única e exclusiva finalidade a produção desta pesquisa (ANEXO B). Para tanto, foi elaborado e entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C) a cada participante que aceitou fazer parte da pesquisa, a fim de informar sobre seus objetivos e finalidades, bem como, para obter oficialmente o consentimento das/os participantes para utilização das narrativas como material de análise.

² Os Estudos Culturais são um campo de estudos que se utilizam de diversas áreas do conhecimento para estudar os diversos processos de produção cultural. Dessa forma, esses estudos problematizam as relações existentes entre cultura, significação, identidade e poder, questões centrais no estudo da sexualidade. (SILVA, 2005).

3 TRABALHOS

CERTAS PALAVRAS

Certas palavras não podem ser ditas
Em qualquer lugar e hora qualquer
Estritamente reservadas
Para companheiros de confiança,
Devem ser sacralmente pronunciadas
Em tom muito especial
Lá onde a polícia dos adultos
não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:
Definem partes do corpo,
movimentos, atos do viver
que só os grandes se permitem
e a nós é defendido por sentença
dos séculos.

É tudo proibido. Então, falamos.

Carlos Drummond de Andrade

3.1 O PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS COMO UMA BIOPOLÍTICA DA POPULAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS/OS MULTIPLICADORAS/ES³

Cristiane Barbosa Soares

Fabiane Ferreira da Silva

3.1.1 Resumo

Através das narrativas produzidas por multiplicadores/as do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) problematizamos a importância do projeto nas escolas do município de Uruguaiana, RS, entendendo que as ações do SPE se tratam de um processo educativo que conduz comportamentos a serem seguidos pela população. Tais entendimentos nos possibilitam pensar o SPE a partir da noção foucaultiana de biopolítica e biopoder como uma estratégia regulamentadora da população.

Palavras-chave: narrativas, saúde e prevenção nas escolas, biopolítica.

3.1.2 Introdução

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa em andamento que tem o objetivo de analisar as estratégias utilizadas pelo projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) ao abordar a temática sexualidade nas escolas de Uruguaiana/RS, através das narrativas produzidas por suas/seus professoras/es multiplicadoras/es. Ancoradas metodologicamente na investigação narrativa a partir dos pressupostos de Jorge Larrosa e de Michael Connelly e Jean Clandinin, realizamos entrevistas individuais semiestruturadas com multiplicadoras/es do SPE. A pesquisa justifica-se em função da necessidade de produzir conhecimentos sobre as políticas públicas desenvolvidas no ambiente escolar. No contexto deste relato, problematizamos a importância do SPE nas escolas do município na visão das/os participantes do estudo. Nas análises das entrevistas evidenciamos que as/os participantes defendem a importância do SPE no âmbito escolar, a fim de promover a saúde sexual e reprodutiva, reduzindo a vulnerabilidade dos/as jovens às DSTs e os índices de gravidez na adolescência. Nesta

³ Resumo expandido apresentado no simpósio temático Corpo, gênero e diversidade sexual em países lusófonos: práticas, pedagogias e representações, e publicado nos anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH - ISSN: 2316-3844, realizado nos dias 07, 08 e 09 de maio de 2014 na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na cidade de Rio Grande/RS. Disponível em: <<http://abehcongresso2014.com.br/wp-content/uploads/2014/07/relatocristianebarbosasoares.doc.pdf>>. O trabalho mantém as normas exigidas para publicação, conforme Anexo D.

perspectiva, entendemos que as ações do SPE tratam-se de um processo educativo que conduz comportamentos a serem seguidos e vem atuando como um mecanismo de regulação e governo da população, a qual tem, como matriz, a biopolítica exercida por meio de biopoderes colocados em funcionamento por diversas instâncias sociais, tais como as escolas (VEIGA-NETO, 2006). Tais entendimentos nos possibilitam pensar o SPE a partir da noção foucaultiana de biopolítica e biopoder como uma estratégia regulamentadora da população, ou seja, uma tecnologia de poder. Para Foucault, a biopolítica é “a maneira pela qual se tentou no século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidades, raça...” (1997, p. 89). Neste sentido, Silva e Ribeiro (2010) apontam que “biopolítica efetiva-se por meio do biopoder (poder sobre a vida), uma tecnologia de poder que atua sobre os indivíduos, mas não sobre o indivíduo em particular e, sim, enquanto membro de um grupo ou coletividade”, ou seja, a população. Operando conjuntamente com essa tecnologia, existe outra, a disciplinar, dirigida ao corpo individual, regulando-o através do controle do mesmo, nos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos (FOUCAULT, 2003, 2005, 2006). Essa outra tecnologia de poder é “centrada no corpo e produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 2005, p. 297).

A partir de tais entendimentos, argumentamos que as ações desenvolvidas pelo projeto saúde e prevenção nas escolas, que visam reduzir os índices de gravidez na adolescência promovendo a saúde sexual e reprodutiva das/os adolescentes, atuam como mecanismos que governam a população e disciplinam os corpos individuais. Trata-se de um processo educativo que ao, interferir nas escolhas pessoais das/os adolescentes sobre como podem ou devem agir, institui comportamentos a serem seguidos pela população. Para organizar este texto tomamos das narrativas, dois elementos de análise: as ações do/a professor/a multiplicador/a na escola e a importância do projeto para a escola e as/os alunas/os na visão dos participantes do estudo. Desta forma, constituímos a escrita deste relato discutindo brevemente o conceito de biopoder como uma tecnologia de poder empregada no governo da população, a fim de entender como o projeto saúde e prevenção nas escolas age sobre os indivíduos, especialmente nas/os adolescentes, buscando a promoção da saúde sexual e reprodutiva desse segmento da população.

3.1.3 O contexto biopolítico do projeto saúde e prevenção nas escolas

Assumir a tarefa de aceitar as instigantes provocações de Michel Foucault sobre a temática do governo da vida e das populações não torna a tarefa fácil, pois isto implica em desnaturalizar o que muitas vezes é tomado como natural. Com isso, a primeira preocupação de Foucault foi compreender como os mecanismos de poder produzem sujeitos dóceis, disciplinados, governáveis. Segundo Foucault (2003; 2005), na medida em que o poder soberano tornou-se inoperante para governar o corpo social, em meio à emergência da população surgem, na contemporaneidade, tecnologias de poder que centram suas ações sobre a vida dos indivíduos: o poder disciplinar, que atua sobre os corpos individuais, e o biopoder, que atua sobre a população, por meio de estratégias reguladoras. Veiga-Neto (2006, p. 99) explica que “o biopoder funciona como um amálgama para aquelas conexões entre população, povo e nação, enquanto biopolítica funciona como uma racionalidade que as promove, justifica, administra e potencializa.”

Como trazem Silva e Ribeiro (2010, p. 76) o poder disciplinar vem atuando desde o século XVII, enquanto um conjunto de técnicas sutis e contínuas direcionadas ao corpo, o qual ao inscrever os gestos, atitudes, comportamentos, etc., disciplina e conforma o corpo, tornando-o dócil, útil, submisso aos outros e a si mesmo, possibilita o crescimento da utilidade e o controle dos indivíduos (FOUCAULT, 2005, 2006). O biopoder, instaurado no final do século XVIII, refere-se aos mecanismos empregados para controlar os fenômenos da população enquanto espécie. Para Foucault, a vida biológica tornou-se um evento político, passando a biopolítica a se ocupar com os fenômenos coletivos da população. Assim, a biopolítica lida com um novo corpo, um corpo múltiplo, “lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 292-293).

As ações como multiplicadora aqui se fazem importantes, pois a comunidade é bem difícil e a gente justifica o desenvolvimento do trabalho justamente pela região apresentar esses problemas de alto índice de gravidez na adolescência, de abuso e exploração sexual que aqui na área é bastante. (Professora Multiplicadora SB)

Desta forma, a explicitação dos problemas que a comunidade enfrenta de gravidez na adolescência, abuso e exploração sexual na visão da multiplicadora tem efeito prático, uma vez que são através deles que algumas estratégias e mecanismos de controle são desenvolvidos (FOUCAULT, 2005). Assim, mediante estas problemáticas centrais que

interferem no contexto social daquela comunidade é que as ações das/os professoras/es multiplicadoras/es serão produzidas e desencadeadas na tentativa de estabelecer estratégias de controle sobre a saúde coletiva da população. Segundo Foucault (2003), a sexualidade se encontra na articulação entre essas tecnologias – o poder disciplinar e o biopoder – na medida em que é direcionada aos sujeitos uma série de procedimentos, tais como a vigilância, os controles constantes, as disposições espaciais, os exames médicos ou psicológicos, a confissão.

Algumas das ações da saúde e prevenção nas escolas são pontuais, como a campanha: Te liga gravidez tem hora, que a gente fica mais pontual na questão da prevenção a gravidez na adolescência e, mas desenvolvemos outros trabalhos com questões relacionadas a sexualidade, prevenção de DSTs (...). (Professora Multiplicadora EB)

Desta forma, entendemos que as ações das/os multiplicadoras/es do projeto SPE atuam como uma série de micropoderes sobre o corpo; como também as intervenções e campanhas que visam todo o corpo social. Portanto, a sexualidade é acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie. A partir da extrema valorização médica da sexualidade, emergiu o entendimento segundo o qual a sexualidade, quando não é disciplinada e regulada, gera efeitos punitivos sobre o corpo indisciplinado.

Para ti ter uma ideia quando eu retornei pra cá, eu estive por dois anos fora da escola, eu retornei em julho de 2012. Quando eu retornei, nós tínhamos quatro adolescentes grávidas, já no ano passado nós tivemos uma, que já estava grávida e teve o bebê, e esse ano uma também. (Professora Multiplicadora SG)

Não vou te dizer que a gente consiga atingir 100%, que a gente não consegue até porque a comunidade aqui ela é bem difícil, tem outros fatores, questões da desestrutura familiar é bem forte. Mas, a gente percebe que tem muitos alunos que acabam se desenvolvendo de uma forma mais saudável em função do SPE, acho que muitas coisas, muitos problemas eles conseguem evitar em função das informações que eles recebem aqui na escola. (Professora Multiplicadora SB)

Nesta perspectiva, percebe-se a intensificação das tecnologias voltadas ao disciplinamento dos corpos adolescente que, através de mecanismos de saber-poder, objetivam a promoção da saúde sexual e reprodutiva, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e redução dos índices de gravidez na adolescência. Com isso, percebemos que as ações das/os multiplicadoras/es do projeto SPE tratam-se de uma estratégia que convoca o

sujeito a refletir sobre suas ações, participar, a gerir sua própria vida de uma forma positiva inerente à produtividade do poder tal como desenvolve Foucault (2003). Logo, pensar este projeto a partir da perspectiva foucaultiana compreende tratá-lo como mecanismo que visa se encarregar de gerir a vida desta população que interpela.

3.1.4 Enfim...

Neste texto, buscamos mostrar como as narrativas remeteram nossos olhares a enxergar que o projeto se mostra como uma biopolítica que centra suas ações sobre a vida dos indivíduos. Com isso, compreendemos as ações do projeto como um mecanismo implantado pela biopolítica, que busca controlar fatos fortuitos disciplinando e regulando a sexualidade da população local. Desta forma, percebemos que problematizar as biopolíticas se torna necessário, na medida em que compreendemos que os sujeitos são subjetivados e objetivados através de diversos discursos e práticas socioculturais que estão ensinando determinados modos de perceber e agir sobre o corpo de acordo com determinados discursos e regras. Assim, as estratégias regulamentadoras do SPE convocam os sujeitos a participar, a refletir sobre suas ações e a exercer o governo de si. Ressaltamos, ao finalizar este texto, que as discussões que buscamos fazer sobre a importância e as ações do SPE não se tratam de ir contra as estratégias do projeto, mas pensar o projeto como produtivo na perspectiva foucaultiana, ou seja, buscamos mostrar que suas ações possibilitam pensar de forma mais ampla algumas das redes de poder que são operacionalizadas na sociedade no sentido de disciplinar os corpos e gerenciar a população. Com isso, não significa que estejamos contestando a importância do projeto e suas ações, o que buscamos foi discutir seu funcionamento como uma biopolítica.

3.1.5 Referências

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970- 1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Políticas e campanhas de saúde estratégias de governo da população. In: HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. LUVIELMO, Marisa de Mello. (Orgs.). **Biopolítica e governamentalidade: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea**. Rio Grande: FURG, 2010. p. 74 – 87.

VEIGA-NETO, Alfredo. Biopolítica, Estado Moderno e Inclusão na Escola. **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, UNISINOS, ano 2, n.7, p. 98-101, 2006.

3.2 SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS: RESSIGNIFICANDO OS OLHARES SOBRE SEXUALIDADE⁴

Cristiane Barbosa Soares

Fabiane Ferreira da Silva

3.2.1 Resumo

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade atualmente amplia-se e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação/constituição da cidadania dos sujeitos. A partir desta perspectiva, entendemos a escola como uma das principais instâncias sociais responsáveis pela formação e constituição do sujeito e de sua cidadania, com isso, a escola e as/os profissionais da educação são desafiadas/os constantemente a abrir-se para debates das mais amplas preocupações da sociedade. Desta forma, em virtude da preocupação com o aumento da incidência de gravidez e com o risco da infecção pelo HIV entre adolescentes e jovens, intensificaram-se as discussões sobre a inclusão da temática sexualidade no currículo escolar. Na última década do século XX, a sexualidade passou a ser instituída através de políticas públicas educacionais e apareceu oficialmente integrando o currículo escolar por meio da transversalidade. No entanto, mesmo instituída, sabemos que falar de/sobre sexualidade na escola não é permitido à qualquer pessoa, em qualquer momento e de qualquer forma, ou seja, a sexualidade está cercada de mecanismos de interdição. Visto que existe uma multiplicidade de instâncias sociais que tratam e regulam a sexualidade, no contexto da educação e saúde surge um estratégia autorizada a tratar desta temática na escola através de professoras/as multiplicadoras/es capacitadas/os: o projeto Saúde e Prevenção nas escolas. Desta forma, analisamos o entendimento de professoras/es multiplicadoras/es deste projeto, nas escolas do município de Uruguaiana/RS, sobre sexualidade através de suas narrativas. Na perspectiva metodológica da investigação narrativa, as análises nos remetem ao entendimento de sexualidade como construção sociocultural. Com isso, entendemos que ao assumirem este olhar sobre a temática, suas ações assumem também o desafio de desnaturalizar o que muitas vezes é tomado como natural ao falar de/sobre sexualidade.

Palavras-chave: Escola. Sexualidade. Narrativas.

3.2.2 Introdução

A partir das questões suscitadas pela Aids no final do século XX e das discussões que envolvem a sexualidade, a escola torna-se uma das principais instâncias para as problematizações acerca da educação sexual. No entanto, Bonato (1999, p. 19) lamenta que,

⁴ Artigo aprovado para apresentação no eixo temático e publicação nos anais do VI Seminário corpo, gênero e sexualidade, II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, II Encontro Gênero e Diversidade na Escola – GDE. O evento será realizado nos dias 24, 25 e 26 de setembro de 2014 na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, na cidade de Juiz de Fora/MG. Este artigo mantém as normas exigidas para publicação, conforme Anexo E.

novamente a sexualidade do homem é pensada pela educação [sexual], não como parte integrante de sua vida, de sua condição de cidadão, mas como um dispositivo para atacar um momento histórico determinado, principalmente, pela doença. Como um dispositivo que tem como função principal responder a uma urgência.

Ribeiro (2008, p.11) afirma que “a discussão sobre a inclusão da sexualidade no currículo escolar vem ocorrendo desde o início do século XX, pelas influências das concepções médico-higienistas do século XIX”. Nesse período, ocorrem as primeiras manifestações sobre educação sexual, as quais estavam relacionadas com a masturbação, as doenças venéreas e o preparo da mulher para a vida de mãe e esposa, o que nos permite observar que a educação centrava-se no controle do corpo e nos reforços dos papéis sexuais de mulheres e homens.

A intensificação das discussões sobre a inclusão da temática nas propostas curriculares do ensino fundamental e médio e a própria demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação das/os educadoras/os com o aumento da incidência de gravidez e com o risco da infecção pelo HIV entre as/os adolescentes e as/os jovens. Com base nessas discussões, foi somente na última década do século XX que a educação sexual passou a ser instituída através de políticas públicas educacionais normatizadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ministério da Educação e do Desporto. Com isso, a temática sexualidade apareceu oficialmente integrando o currículo escolar por meio da transversalidade.

Os temas transversais no currículo brasileiro foram introduzidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB nº 9394/1996, que preconiza uma base nacional comum para a construção dos currículos e uma parte diversificada, sendo esta última, a ser definida em cada sistema de ensino e instituição escolar. Os PCN do ensino fundamental, aprovados em 1998, estabelecem a saúde e a sexualidade como aspecto da vida cidadã e, assim como os demais, poderão ser considerados e relacionados com as diversas áreas do conhecimento. A integração desses aspectos visa atender o direito de educadoras/es e aluna/os a terem objetos mínimos de conhecimentos sobre educação para a sexualidade proporcionando, desta forma, o desenvolvimento das propostas pedagógicas das escolas.

No entanto, a intersectorialidade entre a educação e saúde sempre foi um desafio no Brasil e somente na década de 1970, foi promulgada a Lei nº 5.692/71, no âmbito do sistema educacional, que instituiu o Programa de Saúde. Este programa era composto da disciplina: “Programa de Saúde, sob responsabilidade de professoras/as de ciências e a “Prática de

Saúde”, desenvolvida pelas/os técnicas/os de saúde, em uma visão biopsicossocial. A partir da Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em Ottawa no ano de 1986, introduziu-se o conceito de Promoção da Saúde. Como resultado da conferência houve a aprovação da Carta de Ottawa com orientações decorrentes do documento da Organização Mundial da Saúde (OMS), para atingir a saúde para todas/os no ano 2000. Após tais marcos internacionais a Promoção da Saúde foi considerada, como processo educativo que valoriza o indivíduo, sua cultura e hábitos. Neste sentido, as atividades educativas devem valorizar a troca de experiências e a vivência das/os envolvidas/os no processo.

A partir desta intersectorialidade o Ministério da Saúde, por intermédio da Coordenação Nacional de DST/AIDS, entre os anos de 1994 a 1998, iniciou trabalho com professoras/es e jovens no âmbito escolar. De acordo com Gomes e Vieira (2010), foram desenvolvidas atividades de formação de multiplicadoras/es, professoras/es e jovens, através de capacitações presenciais e a distância para viabilizar a formação nos temas: saúde sexual e saúde reprodutiva, gênero, diversidade sexual na escola, entre outros. Com isso, a partir de 1999, foram implantados pela Coordenação Nacional de DST/AIDS diversos projetos com estados e municípios visando ações nas escolas públicas. No entanto, uma pesquisa de avaliação demonstrou que havia fragilidade institucional na sustentabilidade das atividades do projeto dentro do ambiente escolar, embora resultados significativos, pois as ações caracterizavam-se, em sua maioria, como ações pontuais, não contínuas. Desta forma, não se incorporavam nem se relacionavam aos projetos político-pedagógicos (PPP) das escolas.

Neste contexto, em 2003, o Ministério da Saúde, pela Coordenação Nacional de DST/AIDS, e o Ministério da Educação, com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e especialistas da área, iniciaram o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade dos/as jovens, promovendo a saúde sexual e reprodutiva de forma ampla. Com isso, o SPE torna-se uma das principais estratégias presentes e atuantes no contexto educacional de estados e municípios, para a elaboração e desenvolvimento de ações que têm a escola como principal espaço para discussão da temática sexualidade.

Nesta perspectiva, realizamos uma pesquisa com o objetivo de analisar as estratégias utilizadas pelo projeto SPE ao abordar a temática sexualidade nas escolas do município de Uruguaiana/RS, através da análise das narrativas produzidas por suas/seus multiplicadoras/es. Para este texto tomamos como objeto de análise uma das categorias desta pesquisa: o entendimento das/os professoras/es multiplicadoras/es sobre sexualidade, buscando tecer aproximações com as implicações dos mesmos na constituição de suas práticas no contexto da

escola.

Neste estudo, problematizamos como tais discursos produzem efeitos na sociedade e nos sujeitos, ensinando modos de ser e agir. Para tanto, empregamos o termo discurso numa perspectiva foucaultiana, entendendo-o “não como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 54-55).

3.2.3 Conhecendo o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas

Por iniciativa do Ministério da Saúde e Ministério da Educação, com apoio técnico da UNESCO, o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) nasceu em 2003 e é orientado pelo Decreto Presidencial n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007 e pela Portaria n. 1.861, de 04 de setembro de 2007. O SPE representa um importante marco na integração saúde-educação e privilegia a escola como espaço para articulação das políticas voltadas para adolescentes e jovens. Hoje o projeto conta com o apoio da UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, do UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância e do UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas, no planejamento, na execução, no monitoramento e na avaliação das ações desenvolvidas em âmbito federal, estadual e municipal.

Caminhando por esses três níveis da federação: federal, estadual e municipal, o SPE tem como “objetivo central a promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à infecção pelo HIV, à AIDS e à gravidez não planejada, por meio do desenvolvimento articulado de ações no âmbito das escolas e das unidades básicas de saúde” (BRASIL, 2008, p. 8). Nesta perspectiva, o projeto articula educação, saúde e demais instâncias cujas ações repercutem na formação de adolescentes e jovens.

Buscando alcançar ações intersetoriais efetivas e inovadoras, o SPE vem envolvendo escolas e serviços de saúde no desafio de trabalhar os temas relacionados à educação para a sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, prevenção e promoção da saúde, entre outros. De acordo com Gomes e Vieira (2010), o envolvimento de jovens fazendo educação de pares, formação conjunta de profissionais de educação e saúde, produção de materiais de referências, disponibilização de preservativos, bem como, compartilhamento de experiências locais, são algumas das ações do projeto.

Neste contexto, entendemos que o SPE caracteriza-se como um mecanismo, que através de suas estratégias, (re)afirma e valoriza determinadas representações com seus discursos e práticas levadas para dentro da escola acerca de sexualidade.

3.2.4 O SPE em Uruguaiana/RS

O município de Uruguaiana foi fundado em 24 de fevereiro de 1843, sendo emancipado em 29 de maio de 1846. Está situado na microrregião campanha ocidental, limitando-se ao norte com o município de Itaqui, ao sul com a República Oriental do Uruguai, ao leste com Alegrete e Quaraí e a oeste com a República Argentina, estando distante 634 Km da capital do Estado. A principal atividade econômica do município é a agropecuária, com extensa lavoura de arroz e gado de corte e reprodução. Uruguaiana é o 4º município maior do Estado, tendo o maior porto-seco da América Latina, onde 80% da exportação nacional atravessa a Ponte Internacional.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Uruguaiana possui uma área de 5.716 Km², uma população de 125.507 habitantes. A população urbana do município é de 117.461 e a população rural é de 8.046 habitantes. O número total de escolas de ensino fundamental no município é de 48, 27 públicas estaduais, 16 públicas municipais e 5 privadas, com um número total de matrículas no ensino fundamental de 22.478. O número total de escolas de ensino médio no município é de 14, 11 públicas estaduais, 3 privadas, com um número total de matrículas no ensino médio de 5.693. O número total de estabelecimentos de saúde público municipal é de 23.

De acordo com Moreira (2012), o município de Uruguaiana foi convidado pela Secretaria Estadual de Educação para participar do projeto SPE em 2006. A partir deste convite houve a criação do Grupo Gestor Municipal (GGM) que elaborou um projeto municipal com ações que iniciaram a sua implantação em 2007. Atualmente integram o projeto SPE 39 escolas das redes de educação básica de ensino estadual e municipal, do município de Uruguaiana.

O GGM adotou como estratégia: trabalhar com professoras/es e adolescentes multiplicadoras/es, de forma que cada escola tenha um/a professor/a multiplicador/a que representa o projeto; e de trabalhar com o ambulatório da/o adolescente, cujo atendimento ocorre no posto de saúde central uma vez por semana pela médica que compõe o GGM. Desta forma, quando alguma/algum adolescente das escolas sente necessidade em abordar algum assunto relacionado à sexualidade, podem procurar o/a professor/a multiplicador/a do projeto

SPE da sua escola que, a diagnosticar necessidade, poderá encaminhar esta/e adolescente ao ambulatório, para atendimento clínico.

O projeto SPE, em Uruguaiana, trabalha de forma a integrar a educação com a saúde pública no município através da capacitação permanente de professoras/es multiplicadoras/es, que é oferecida pelo GGM através de encontros mensais com duração de quatro horas, durante o ano letivo. Os temas dos encontros são elaborados a partir das sugestões das/os estudantes (ciclo vital, anatomia e fisiologia feminina e masculina, namoro, relação sexual, homossexualidade, gênero, métodos contraceptivos, aborto, gravidez na adolescência, DST e AIDS, violência sexual, adolescência, sexualidade, homofobia, racismo, entre outros) e das/os professoras/es multiplicadoras/es (dúvidas referentes a situações vivenciadas na escola).

Deste modo, percebemos que os discursos e práticas do GGM estão imbricados por questões das mais amplas preocupações da sociedade, destacando-se as questões: biológicas e socioculturais no âmbito escolar e que essas questões/preocupações norteiam as ações das/os professoras/es multiplicadoras/es dentro da escola. Por entendermos que as práticas existentes na escola contribuem para definir as formas pelas quais os significados são produzidos e pelas quais as identidades são constituídas, nosso objetivo é analisar os entendimentos de professoras/es multiplicadoras/es do projeto SPE ao abordar a temática sexualidade nas escolas de Uruguaiana.

3.2.5 Sexualidade e Escola

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2009, p. 100)

Sexualidade, portanto, é uma invenção social, “uma vez que se constitui, historicamente, através de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’” (LOURO, 2010a, p. 11-12). No entanto, somos cercados por mecanismos de interdição ao falar de/sobre sexualidade, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”

(FOUCAULT, 2012, p. 9). Nessa perspectiva, não existe a omissão da instituição escolar para a temática, não há silenciamentos na escola em relação à sexualidade, o que vem ocorrendo é o funcionamento dos mecanismos de interdição, já que, pode-se falar de sexualidade dentro das regras que controlam e legitimam o discurso autorizado.

Sabemos que trabalhar com sexualidade tem sido desafiador para as escolas e para as/os profissionais da educação, pois essa temática ainda é debatida, problematizada, cercada por um “tabu” social e deve ser discutida transversalmente no currículo escolar. Com isso, a escola trata a sexualidade prioritariamente através do discurso biológico, visto que em muitos programas e materiais de/sobre educação sexual “essa é a compreensão primeira ou primária e, como decorrência, é também a mais persistente” (LOURO, 2010, p. 64-65).

Compreendemos a importância em “discutir e refletir sobre a sexualidade em outra perspectiva, na qual ela é tomada como produzida nos acontecimentos históricos e culturais das experiências das pessoas, ao correlacionar nos corpos comportamentos, linguagens, representações, crenças, identidades” (RIBEIRO, 2008b, p. 37). E, segundo Louro (2010, p. 85), “a escola sendo uma das instâncias sociais e políticas é um espaço sexualizado e generificado, onde a sexualidade se constitui em um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, exigindo atenção no contexto das políticas e dos programas educacionais”. Nesta perspectiva, abordar a temática da sexualidade contrapondo a entendimentos deterministas e essencialistas torna-se uma questão fundamental, pois a instituição escolar é uma ativa constituidora de identidades de gênero e sexuais em seu espaço físico, através de seus regulamentos, currículos, normas, programas, suas práticas, falas, atitudes e gestos das pessoas que convivem na escola (LOURO, 2010).

Nesse contexto, remetemos-nos a compreender o projeto SPE, que, desde 2003, trabalha com a promoção da saúde sexual e reprodutiva de forma ampla e tem a escola como local central de suas ações, como um mecanismo autorizado a falar sobre as/das dimensões de sexualidade dentro do espaço escolar.

3.2.6 Percurso metodológico

O objeto de análise deste estudo são as narrativas de professoras/es multiplicadoras/as. Desse modo, a pesquisa fundamenta-se na investigação narrativa, metodologicamente ancorada nos pressupostos de Jorge Larrosa (1996) e de Michael Connelly e Jean Clandinin (1995), por meio de entrevistas individuais semiestruturadas como estratégia de “coleta de dados” das narrativas. De acordo com Connelly e Clandinin (1995, p. 12), “a investigação

narrativa, ao mesmo tempo em que se constitui em uma metodologia de investigação, é também o fenômeno que se investiga”. Além disso, a narrativa constitui-se como um mecanismo fundamental de compreensão de si, dos outros e das práticas sociais como lugares nos quais se produzem e se interpretam histórias (LARROSA, 1996). A partir destes pressupostos, compreendemos a narrativa tanto como uma metodologia investigativa como um relato discursivo implicado na produção e reconstrução da subjetividade do sujeito.

Considerando tais entendimentos, a investigação narrativa torna-se um caminho metodológico que valoriza a exposição dos pensamentos do sujeito acerca da sua visão e interpretação de mundo, sendo o ato de narrar, contar histórias um modo específico de reconstrução da realidade e reconstituição dos significados das experiências percebidas. Considerando que a realidade é normatizada, ou seja, compõe um conjunto de regras do que é aceito ou não em determinado contexto e que narrativas culturais e individuais estão interligadas constituindo significados, o sujeito ao contar uma história assume, também, uma posição social. Nesta perspectiva, a investigação narrativa baseia-se em uma epistemologia construtivista e interpretativa, tendo como pressupostos o entendimento que a linguagem media a ação e que a narrativa é a estrutura central do modo como os sujeitos constroem os sentidos.

De acordo com a caracterização do percurso metodológico da pesquisa, a narrativa, percebida como uma prática social implicada na constituição dos sujeitos, nos possibilita discutir os entendimentos de/sobre sexualidade de multiplicadoras/es do projeto SPE.

3.2.7 As/os professoras/es multiplicadoras/es e seus entendimentos sobre sexualidade

As/os participantes da pesquisa são professoras/es multiplicadoras/es atuantes nas escolas da rede municipal e estadual que fazem parte do projeto SPE. Ao todo foram convidadas/os para participar da pesquisa dez professoras/es multiplicadoras/es, sendo cinco de escolas municipais e cinco de escolas estaduais abrangendo as cinco regiões do município, ou seja, duas/dois professoras/es multiplicadoras/es por região.

As/os professoras/es multiplicadoras/es do SPE atuam nas diferentes áreas do conhecimento e na coordenação pedagógica. Com isso, percebemos a possibilidade de construção de abordagens diversificadas permitindo que a temática sexualidade transite por todas as áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, como prevista nos PCN.

a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. (BRASIL, 1997, p. 34)

Mesmo norteada e subsidiada por bases educacionais, falar de/sobre sexualidade na escola é considerada tarefa difícil, visto que existe uma multiplicidade de instâncias sociais “que tratam da sexualidade, que nos fazem pensar sobre ela a fim de escutar, registrar e redistribuir o que dela se diz” (RIBEIRO, 2013, p. 44). Da mesma forma, “para algumas pessoas, a sexualidade é entendida como uma questão privada, pessoal e íntima, e a escola como uma instituição formal responsável pelo ensino de determinadas disciplinas. Portanto, entendem que falar sobre sexualidade é papel da família e não da escola” (SILVA, 2011, p. 146).

Neste sentido, trabalhar com sexualidade na escola desafia educadoras/es, pois escolher e assumir essa tarefa implica em desnaturalizar o que muitas vezes é tomado como natural, é problematizar as explicações que até então nos deixavam tranquilas/os. Como podemos perceber na narrativa abaixo, quando relata sobre a importância do projeto SPE, de acordo com sua visão e seu entendimento de sexualidade:

(...) olha, eu vejo que o programa traz aquilo que é a desmistificação da temática. Primeiro eu preciso me familiarizar com o assunto, eu preciso me inteirar do assunto e eu preciso ser provocado para isso. Eu acho que sua importância, se caracteriza com esse papel de trazer a provocação, de trazer para nós professores multiplicadores o estranhamento das ações consideradas normais, o estranhamento da normatização. aquilo que é considerada normal, prática normal, a gente começar a fazer esse questionamento. (Professor Multiplicador B.)

Essa narrativa nos aproxima dos entendimentos de Louro que em sua obra “Pedagogias da Sexualidade”, nos mostra como podemos e devemos duvidar das verdades e certezas que costumam ser pensadas e as formas como as práticas têm sido consagradas e marginalizadas no campo da sexualidade. Foucault (2009), ao traçar a história da sexualidade, buscou produzir uma história de como a nossa sociedade, durante séculos, ligou o sexo à verdade através de uma análise dos mecanismos de poder.

Como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja, simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ele tenha sido considerado como lugar privilegiado em que nossa

“verdade” profunda é lida, é dita? Pois, o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheça teu sexo”. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano. (FOUCAULT, 2004, p. 229).

As discussões de/sobre sexualidade em sua perspectiva ampla de construção histórica e cultural enfrenta lugar tímido do discurso, pois o discurso biológico ainda tem ocupado espaço privilegiado em relação aos outros discursos na escola. Britzman (1996, p. 78) destaca que:

Quando chega a ser tratado, o conhecimento de sala de aula sobre a sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado. Além disso, a assim chamada informação técnica sobre reprodução sexual é altamente contestada porque a informação sobre sexo é vista como a causa da atividade sexual.

Entretanto, ao pensarem sobre sexualidade, as narrativas das/os professoras/es multiplicadoras/es demonstram que seus entendimentos transgridem a fronteira das categorizações e descrições da discursividade científica que envolve a sexualidade, ou seja, os entendimentos “revelados” vão para além do biológico.

Sexualidade para mim é tudo que te proporciona bem-estar, mas há ainda aquele mito que sexualidade está sempre ligada as questões de relações sexuais, biológicas, mas na verdade acho que é bem mais amplo que isso. (Professora Multiplicadora A.)

Entendo sexualidade como uma construção, que ela vai sendo construída e constituída ao longo da vida desse sujeito. (Professora Multiplicadora C.)

Até pela questão cultural, acho que o ser ele vai se construindo ao longo da vida, com as relações que ele tem, com o meio que ele convive, com as experiências que vai tendo durante a vida. (Professora Multiplicadora H.)

(...) Ainda nós temos um entendimento muito superficial, eu acho que as construções sociais e culturais ainda falam mais alto, e isso é a interferência daquilo que nos construiu, nos constituiu (...). Eu acho que nós temos a sexualidade muito associada à sexo, nós temos sexualidade muito voltada à relações corporais, quando não é isso. O sentido não é esse, não é esse o ângulo visual que nós professores precisamos dar. (Professor Multiplicador B.)

(...) a sexualidade a gente tem desde sempre e vai se construindo e vai se moldando. (Professora Multiplicadora D.)

(...) não tem a ver apenas com a parte do sexo em si, mas sim como eu me percebo enquanto

peessoa, quais são os meus desejos, quais são as minhas vontades, a questão da minha maneira de ser de agir, então é muito amplo esse termo sexualidade, não é restrita apenas a questão sexual. (Professora Multiplicadora E.)

Essas narrativas nos possibilitam pensar que os entendimentos das/os multiplicadoras/es não restringem a sexualidade a um atributo puramente biológico compartilhado por todas/os independentemente de sua história e cultura. Com isso, corroboram com o entendimento de que a sexualidade “inscreve linguagens, comportamentos, desejos, crenças, escolhas, identidades, posturas no corpo, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos” (RIBEIRO, 2002, p. 50).

Desta forma, tais narrativas nos remetem a análise de que o entendimento dos/as multiplicadores/as permitem discutir e refletir sobre a sexualidade em uma outra perspectiva, na qual ela é tomada como produzida nos acontecimentos históricos e culturais. Para Weeks (2010, p. 21),

não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes ‘naturais’. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais. A ‘sexualidade’ é uma experiência histórica e pessoal.

É importante ressaltar que este entendimento sociocultural não desprestigia a discussão do discurso biológico presente na escola, nem mesmo vem buscar sua substituição, mas mostra que a sexualidade pode e deve ser discutida de forma mais ampla.

Considerando que os aspectos sociais, culturais, políticos e históricos, que inscrevem as sexualidades, reconstroem e ressignificam nossos olhares:

Olhar a história da sexualidade possibilita-nos ver como a sexualidade foi sendo construída através de vários mecanismos de poder que nos convidam, nos incitam, coagem a confessar e falar a “verdade” sobre o sexo e o corpo de prazer. Esses mecanismos de poder atuam sobre os sujeitos através de vários procedimentos como a vigilância e os exames – as conversas, as entrevistas, as observações, a disposição dos espaços, por exemplo –, e estendem-se as relações pais-filhos, médicos-pacientes, professores-alunos. (RIBEIRO, 2006, p. 113)

Desta forma, nossos entendimentos sobre a sexualidade também vão sendo estruturados e adquirindo novos significados de acordo com a história e nossos contextos, como bem ilustram as narrativas:

(...) o meu entendimento logo no inicio, quando comecei, eu também tinha uma ideia mais

voltada a questão sexual em si. Aí depois que participei do curso sobre sexualidade, depois que eu li mais a respeito, aí eu comecei a entender e comecei a me perceber, também. (Professora Multiplicadora E.)

Quando começa essas conversações com eles em sala de aula, em alguns grupos eu fazia assim, bem no início, eu chamava primeiro as meninas e depois os meninos pra conversar, eu tinha isso ainda comigo. Porque tu não pode de uma hora pra outra, eu mudei, eu vou mudar, tu foi criada num sistema, tu esta com aquilo preso em ti. Então eu fazia isso. Aí depois que eu fui lendo mais, conhecendo melhor, fazendo cursos, fui me atualizando eu percebi que não tinha o porquê eu fazer essa separação, então eu converso abertamente com todos. (Professora Multiplicadora G.)

Nessas narrativas é possível perceber como os sujeitos são interpelados por processos de subjetivação, reconstruindo conceitos e ressignificando suas práticas. Entendemos que a narrativa não é só estrutura de enredo nem historicidade, ela é também uma forma de utilizar a linguagem, uma forma de construção livre, ela conta os significados que a pessoa constrói para “si mesmo”.

Com isso, percebemos que, ao narrar histórias, os sujeitos reconstroem a experiência percebida, captando a riqueza e os detalhes dos significados e revelando contradições, pois, ao mesmo tempo que entendem a sexualidade com uma visão ampla, suas práticas ainda estão imbricadas por mecanismos de interdição, silenciamentos e normatização ao privado.

Para ilustrar, remetemo-nos ao relato do Professor Multiplicador B., que mesmo entendendo a sexualidade como uma construção social e cultural, reproduz em sua prática mecanismos que reafirmam e legitimam determinado discurso que trata da sexualidade como algo privado, anônimo:

(...) eu desenvolvi algumas atividades com os alunos. A gente criou dentro da escola um grupo, uma roda de conversa em que nos reuníamos com os alunos quinzenalmente e discutíamos assuntos. A gente tinha a caixa das perguntas surpresas, a gente tinha as correspondências anônimas, os questionamentos anônimos. (Professor Multiplicador B.)

Essa narrativa nos faz perceber como nossas práticas são subjulgadas por mecanismos que vigiam e regulam a sexualidade, uma vez que o ato das “correspondências anônimas” expressa a leitura do julgamento, do pôr em “xeque” a sexualidade de quem pergunta. Desta forma, essa “caixa de perguntas” torna-se simbólica aos mecanismos que normatizam a sexualidade como uma temática difícil de ser discutida na escola, restringindo a sexualidade ao trato individual, privado, íntimo, como se fosse algo proibido.

Da mesma forma, a Professora Multiplicadora E., que narra entender a sexualidade como algo amplo, remete-nos ao que Foucault diz em sua obra “A ordem do discurso” sobre os mecanismos de interdição ao significar, em sua prática dentro da escola, que a sexualidade deve ser discutida por pessoas autorizadas, em momentos e locais adequados para tais falas de/sobre sexualidade:

(...) tem encontros, tem conversas informais, a gente reúne um grupinho, faz dinâmicas de grupo, chama alguns profissionais da área da saúde pra conversar e aí a gente vai.

Essa narrativa nos remete ao entendimento de que as práticas escolares acerca de sexualidade estão voltadas para o cuidado de si, priorizando o conhecimento científico e legitimando “vozes autorizadas” para falar de/sobre sexualidade na escola.

Entendemos que nossas práticas são arraigadas por processos que normatizam e governam a sociedade, enquadrando-a em contextos não plurais, generificados atravessados por modelos dicotômicos heteronormativos. Desta forma, devemos considerar o contexto sociocultural do município de Uruguaiana, construído por processos de atravessamento rural que “cultuam” o sistema patriarcal. Assim, visões heterossexistas se fazem presente no cotidiano deste município, refletindo nas práticas cotidianas do sujeito, conseqüentemente nas práticas dentro da escola. Salientamos que a intenção aqui não é justificar tais práticas, nem tampouco criticá-las, mas buscar corroborar com sua ressignificação.

Uma ilustração deste atravessamento, ainda fortemente presente, interferindo na prática é narrado pelo Professor Multiplicador B.

Eu tenho uma caminhada já de alguns anos, e eu vejo que às vezes me pego traído pela minha formação cultural, cometendo alguns verdadeiros absurdos, aí eu me olho: não, mas eu to fazendo isso? Então eu acho que nós temos essa formação que nos deixa enjaulados que nos deixa muito presos a traços culturais, a vivências, a experiências e nós ainda somos repressores quanto a sexualidade, extremamente repressores. Eu to travando uma guerra em uma das escolas que eu trabalho, por que ainda a gente vê meninas sendo mandada embora por que estão de short, por que estão usando uma blusa com um decote um pouco maior, por que... e o discurso é aquele (...) : “tu quer que os guris metam a mão contigo?” (Professor Multiplicador B.)

Essa narrativa nos remete a compreensão da formação do dispositivo da sexualidade. Para isso, Foucault nos mostra que especialmente a partir do século XVII, em torno do sexo não funcionou o silêncio, o não dizer, como regra fundamental – “hipótese repressiva” (2009, p. 15) – mas, sim o silêncio articulou-se a um outro mecanismo de poder: a anúnciação, em

determinadas pessoas. Para o autor a questão não é por que somos reprimidos, mas sim por que dizemos com tanta convicção que somos reprimidos.

3.2.8 Reflexão final, sem conclusões reveladoras de “verdades”...

[...] verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2004, p. 12).

Na perspectiva de que nossas identidades docentes, experiências pedagógicas e de vida são, em sua quase totalidade, interpeladas pela discursividade científica e biológica, as narrativas das/os multiplicadoras/es “revelaram” que seus entendimentos foram ressignificados pelos processos que estas/es vivenciaram. Desta forma, compreendemos que o projeto SPE configura-se como um mecanismo que contribui para o processo de ressignificação da sexualidade, uma vez que ao proporcionar a discussão de sexualidade em suas dimensões sociais e culturais, provoca os sentidos e significados já construídos ao longo da história daquele sujeito, desacomodando-o para a percepção de novos olhares acerca de sexualidade.

As práticas existentes na escola contribuem para definir as formas pelas quais os significados são produzidos e pelas quais as identidades são fabricadas e moldadas. Com isso, os “olhares socioculturais” de multiplicadoras/es podem ressignificar as práticas pedagógicas ao se tratar de sexualidade, colaborando para que a escola não reforce em seus discursos representações de identidades naturalizadas pela sociedade, não constituam modelos dados como “anormais” e “não naturais” para justificar as outras formas de exercer a sexualidade... Assim, será possível desestabilizar os atravessamentos heterossexistas que se refletem nas práticas cotidianas, a fim de reinventá-las “cheias” de significados.

Enfim, as/os multiplicadoras/es do SPE, ao discutirem sexualidade através dos “olhares socioculturais”, assumem a tarefa de problematizar “verdades” historicamente construídas e desnaturalizar explicações de invenções que pareciam ter sido sempre assim.

A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da

sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. Não é mais possível, hoje, que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche, indignação moral, como também perpetuadora e conivente com a violência sexual, tanto simbólica quanto física. (CORREA, 2013, p. 55)

3.2.9 Referências

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação (sexual) e sexualidade:** o velado e o aparente. Disponível em: <<http://www.geocities.com/athens/ithec/9565/Tese/inidicee.html>> Acesso em: 14 jul. 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394/1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.** Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2008.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 21. n.1., p. 71-96, jun/jul.1996.

CONNELLY, Michael; CLANDINNIN, Jean. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, Jorge. et al. **Déjame que te cuente.** Barcelona: Laertes, 1995. p. 11- 59.

CORREA, Christina Mirella de Andrade. Educação, Lei e sexualidade: a importância da discussão sobre os padrões normativos do comportamento sexual e de gênero na escola. In: MAIO, Eliane Rose. CORREA, Christina Mirella de Andrade. (Org.). **Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares.** Maringá: Eduem, 2013. P. 55 - 72.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 02 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GOMES, Maria Rebeca Otero; VIEIRA, Nadjanara. Saúde e Prevenção nas Escolas: promovendo a educação em sexualidade no Brasil. **Revista Tempus Actas em Saúde Coletiva,** 2010. P. 145-157.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Cidades@. IBGE, 2010. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=432240> >. Acesso em: 30 jun. 2014.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiência de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. P. 7-34.

MOREIRA, B. ROCHA, J. B. T. PUNTEL, R. FOLMER, V. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias (REEC)** v. 10, n.1, 64-83. 2011. Disponível em: http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf Acessado em: 30 jun. 2014.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a historia da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. 125f. Tese – Doutorado em Ciências Biológicas (Bioquímica), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: SEFFNER, Fernando [et al]. SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Méri Rosane Santos da., RIBEIRO, Paula Regina Costa. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande: Ed. FURG, 2006. P. 109-118.

_____. (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 2. ed. revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008. P. 11-17.

_____. A sexualidade e o discurso biológico. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008b. P. 35-38.

_____. Sexualidade e escola. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico Anos Iniciais. 3. ed. revisada. Rio Grande: FURG, 2013. P. 44-47.

SILVA, Fabiane Ferreira da. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Billig. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. P. 146 - 157.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 35-82.

3.3 DESENHO DO PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE URUGUAIANA/RS⁵

Cristiane Barbosa Soares

Fabiane Ferreira da Silva

Eixo Temático: 4. Educação em Saúde

Palavras-chave: Educação. Saúde. Professoras/es multiplicadoras/es.

3.3.1 Introdução

O projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) é um importante marco de integração entre saúde-educação no Brasil. Privilegiando a escola como espaço para articulação das políticas voltadas para adolescentes e jovens apoia-se na formação continuada de profissionais das áreas da educação e da saúde. Buscando a sustentabilidade e institucionalização da proposta, criou grupos de trabalho nas três esferas do governo – Federal (GTF), Estadual (GTE) e Municipal (GTM). Desta forma, olharemos para o GTM em Uruguaiana, através de narrativas de professoras/es multiplicadoras/es do SPE.

3.3.2 Referencial Teórico

O SPE, criado em 2003 por iniciativa do Ministério da Saúde e Ministério da Educação, com apoio técnico da UNESCO, tem o objetivo de promover a saúde sexual e reprodutiva de forma ampla. O SPE delimita a fronteira da intersetorialidade entre saúde-educação no Brasil e privilegia a escola como espaço para articulação das políticas voltadas para adolescentes e jovens. De acordo com Gomes e Vieira (2010), em 2005 foi criado um Grupo de Trabalho Federal (GTF) composto pelos dois ministérios (educação e saúde) em parceria das Nações Unidas (UNESCO, UNICEF e UNFPA), no planejamento, na execução, no monitoramento e na avaliação das ações desenvolvidas em âmbito federal, estadual e municipal.

O Decreto nº 6.286/2007 que orienta as ações do projeto ressalta que o compromisso das/os gestores, responsáveis pelas políticas governamentais nas três esferas de governo – federal, estadual e municipal – é fundamental para as ações do projeto, bem como para a

⁵ Resumo expandido submetido para apresentação e publicação nos anais do III Seminário Internacional de Educação em Ciências, pendente de aprovação. O evento ocorrerá nos dias 22, 23 e 24 de outubro de 2014, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na cidade de Rio Grande/RS. Este trabalho mantém as normas exigidas pelo evento, conforme Anexo F.

consolidação de uma política pública de prevenção e promoção à saúde nas escolas.

Conforme relatam Gomes e Vieira (2010), foram constituídos 27 Grupos de GTE e diversos GTM, muitos deles publicados em portarias, constituídos de profissionais da saúde e educação. Que desenvolvem ações nas áreas de: gênero, saúde sexual e reprodutiva, prevenção às DST, HIV/AIDS, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, raça e etnia, vulnerabilidades, adolescência, drogas entre outros, bem como noções de planejamento conjunto das ações para o projeto.

3.3.3 Material e Método

O objeto de análise deste estudo são narrativas de professoras/es multiplicadoras/as do SPE, que participaram da pesquisa “Sexualidade na Escola: estratégia do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiana/RS”. Ancorado metodologicamente na investigação narrativa a partir dos pressupostos de Jorge Larrosa (1996) e de Michael Connelly e Jean Clandinin (1995), as narrativas foram coletadas por meio de entrevistas individuais semiestruturadas.

No trabalho apresentamos um desenho do SPE em Uruguaiana a partir dos dados que emergiram nas narrativas das/os participantes da pesquisa.

3.3.4 Análise e Discussão

Segundo relata Moreira et al (2011), o município faz parte do SPE desde 2006, a partir da formação de um Grupo Gestor Municipal (GGM), formado pelo setor educação-saúde do município, e iniciou suas atividades em 2007. O GGM adotou como estratégia trabalhar com professoras/es e adolescentes multiplicadoras/es através de capacitações mensais e com o ambulatório do adolescente, cujo atendimento é realizado pela médica que integra o GGM.

As/os professoras/es multiplicadoras/es do projeto são indicados pelas suas respectivas escolas ou procuram o GGM voluntariamente para participarem do projeto, servindo de referência para sua comunidade escolar e desenvolvendo ações do projeto na sua escola. Desta forma, o SPE tem uma característica multidisciplinar, sendo que Grupo de Trabalho Municipal (GTM) do SPE atinge 39 escolas de zona urbana e rural entre estaduais e municipais, 39 professoras/es das diferentes áreas do conhecimento e instâncias da saúde.

3.3.5 Considerações

O GTM de Uruguaiana contempla a formação nas seguintes temáticas: gênero, saúde sexual e reprodutiva, prevenção às DST, HIV/AIDS, Direitos Sexuais e Direitos

Reprodutivos, raça e etnia, vulnerabilidades, adolescência, drogas, entre outros, bem como noções de planejamento conjunto das ações para o projeto. Desta forma, percebemos a importância do SPE em Uruguiana para a formação continuada de profissionais das áreas da educação e da saúde. Isso permite o domínio das informações e das estratégias educativas relacionadas às temáticas do projeto e, pode favorecer a construção coletiva de conhecimentos e estratégias para a ação intersetorial e significativa em cada contexto.

3.3.6 Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST E Aids. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2008.

CONNELLY, M.; CLANDINNIN, J. Relatos de experiência e investigaciós narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11- 59.

GOMES, M. R. O.; VIEIRA, N. Saúde e Prevenção nas Escolas: Promovendo a Educação em Sexualidade no Brasil. **Revista Tempus Actas em Saúde Coletiva**. Vol. 4, n. 02, 2010.

LARROSA, J. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiência de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

MOREIRA, B. ROCHA, J. B. T. PUNTEL, R. FOLMER, V. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias (REEC)** v. 10, n.1, 64-83. 2011. Disponível em: <http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

3.4 SEXUALIDADE NA ESCOLA: IMPASSES, DIFICULDADES E AVANÇOS O QUE DIZEM AS/OS MULTIPLICADORAS/ES DO PROJETO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS⁶

Cristiane Barbosa Soares

Fabiane Ferreira da Silva

3.4.1 Resumo

Este artigo analisa narrativas de professoras/es multiplicadoras/es do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas de Uruguaiana/RS, com o objetivo de perpassar sobre os impasses, dificuldades e avanços para as questões de sexualidade na escola. Nesse estudo, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Utilizamos como estratégia metodológica a investigação narrativa e, como ferramenta de “coleta de dados”, a entrevista individual semiestruturada. Analisando as narrativas, percebemos, de forma geral, que a sexualidade enfrenta muitos atravessamentos e que as/os profissionais da educação entendem a necessidade de outras formas de compreensão da sexualidade. Desta forma, compreendemos que essas/es profissionais podem contribuir para que a sexualidade seja discutida nas diversas áreas do conhecimento, uma vez que desempenham em suas escolas o papel de mediadoras/es do processo de ensino-aprendizagem e de agentes multiplicadoras/es das discussões sobre a sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Escola. Narrativas. Educação. Professoras/es multiplicadoras/es.

3.4.2 SEXUALITY IN SCHOOL: IMPASSES, CHALLENGES AND ADVANCES WHAT THE MULTIPLIERS OF THE PROJECT HEALTH AND PREVENTION IN SCHOOLS SAY

3.4.3 Abstract

This paper objectify to analyze narratives of multipliers teachers from the project Health and Prevention in Schools of Uruguaiana/RS, aiming pervade on deadlocks, difficulties and advances to issues of sexuality in school. In this study we established some connections with Cultural Studies in post-structuralist strands. We had used as methodological strategy the narrative research, and as data collection tool the semi-structured individual interview. Analyzing the narratives we had perceived in general that sexuality suffers many challenges, and that education's professionals understand the need of other forms of understanding the sexuality. Therefore, since they play a role as mediators in the teach-learning process, we understand that these professionals can contribute to sexuality be discussed in the various areas of knowledge, and as multipliers of discussion of sexuality.

Keywords: Sexuality. School. Narratives. Education. Multipliers Teachers.

⁶ Este artigo será submetido à revista Ciência & Educação – ISSN Impressa – 1516-731, Eletrônica - Submetida ao IBICT – após as considerações da banca examinadora. O artigo mantém as normas exigidas pela revista para a publicação, como consta no Anexo G.

3.4.4 Tecendo algumas considerações iniciais...

Este estudo emergiu a partir de análises das narrativas de professoras/es multiplicadoras/es do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) participantes de uma pesquisa acerca dos discursos do projeto ao abordar temática sexualidade nas escolas de Uruguaiana/RS. Ao trazer as narrativas neste estudo, temos como objetivo percorrer os caminhos da temática sexualidade no contexto da escola, buscando problematizar os impasses, dificuldades e avanços de tais discussões como tema transversal ao currículo.

Considerando que as preocupações com as práticas sexuais e suas implicações vivenciais e epidemiológicas, bem como com as prescrições normativas acerca de distinções sexistas, vem se impondo como pauta para a educação (BRASIL, 1997). As práticas educacionais não vêm se atualizando e encontrando-se ao mesmo passo que a elaboração das recentes diretrizes governamentais para o desenvolvimento do trabalho sobre a educação para a sexualidade, e por vezes, as escolas acabam reproduzindo as discriminações que deveriam combater (BRASIL, 2004). Assim, enfocamos nossas discussões procurando entender o modo como as questões referentes à sexualidade vêm sendo discutidas na instituição escolar em sua forma transversal.

Na compreensão de Figueiró (2004) e Altmann (2001), as/os professoras/es estão despreparadas/os profissionalmente e o sistema público de ensino não oferece condições efetivas a práticas/significados alinhados aos direitos sexuais. Além disso, percebemos o quanto a escola é marcada e atravessada pelos discursos das várias instâncias sociais que controlam e regulam a sexualidade. Com isso, além da importância em problematizar a temática nesse espaço privilegiado de ensino, discutir questões relacionadas à sexualidade e a escola “trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime do poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 2009, p. 17), ou seja, que saberes, entrelaçados com relações de poder, foram se produzindo nas escolas, constituindo os sujeitos.

Ao discutir a sexualidade, entendemos que ela compreende valores, crenças, formas de desejo, de prazer que vão inscrevendo suas marcas na constituição dos sujeitos, assim como nos mostra Louro:

(...) a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. (...) As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas (2010a, p. 11).

Sendo assim, sexualidade é uma construção social, histórica e cultural, ou seja, aprendemos a vivenciar desejos e prazeres através dos diferentes discursos que nos acessam. Desta forma, não negamos a importância da abordagem biológica, mas evidenciamos que há abordagens além da biologia do corpo, pois o corpo também é cultura e carrega significados que não podem ser invisibilizados pela escola através de seus discursos e práticas.

Com isso, diversas expectativas caem sobre as atitudes das/os professoras/es em sala de aula pois, através do que falam e silenciam em suas práticas acabam afirmando e legitimando determinados discursos que tratam da sexualidade. Nesta perspectiva, compreendemos que a escola se configura como um dos principais espaços que, além de responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, fabrica e constitui identidades.

As políticas educacionais, no atual contexto brasileiro, propõe que a educação na escola seja orientada pelo acolhimento da diversidade sexual (BRASIL, 2004). Contudo, como relata uma participante desta investigação: *nós professoras, de modo geral, precisamos dar o entendimento à sexualidade que ainda não estamos dando. (...) Ainda temos um entendimento muito superficial sobre o que é sexualidade.*

E diante dessas implicações, fomos instigadas pelas narrativas de professoras/es multiplicadoras/es do projeto SPE na cidade de Uruguaiana, a analisar as dificuldades e os avanços das discussões de sexualidade na escola. Para tanto, a escrita do artigo está organizada para apresentar inicialmente um breve mapeamento sobre a sexualidade na escola, logo procuramos localizar o contexto da estratégia para construção do objeto de análise para assim discutir, junto às narrativas das/os professoras/es multiplicadoras/es que participaram da investigação, as dificuldades e avanços de trabalhar a temática sexualidade na escola.

3.4.5 Sexualidade na escola

Ao longo da história o discurso de sexualidade se fez presente na sociedade sobre diversas formas. A partir do século XVII, não houve silenciamentos; ao contrário, a sexualidade passou a ser algo que devia ser confessado, a fim de ser controlado por uma rede discursiva que se instituiu sobre o sexo. Portanto, ao colocar o sexo em discurso, produziu-se um controle das enunciações, definiu-se quando e onde falar, as situações, os locutores e os interlocutores (FOUCAULT, 2009).

Sexualidade não é assunto proibido na escola, no entanto selecionam-se sujeitos e discursos como autorizados para tratar da temática, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer

um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Segundo Ribeiro (2008), as discussões iniciais sobre sexualidade na escola presentes nos currículos “objetivavam o combate à masturbação e às doenças venéreas, como também o preparo da mulher para ser esposa e mãe” (p. 11).

Conforme a autora (2008a), partindo de concepções médico-higienistas do século XIX, devido a preocupação com a AIDS, a pílula como método anticoncepcional, a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis ao final do século XX, o enfoque dado à sexualidade foi sofrendo algumas mudanças ao passar do tempo e a discussão da sexualidade retornou à escola. Neste sentido, percebemos que o enfoque das discussões que permeavam sexualidade estava restrito aos aspectos biológicos e aos cuidados com a saúde. Desta forma, as preocupações com a sexualidade tem como foco disciplinar o sujeito em um primeiro momento para com isso melhorar a saúde da população como um todo, ou seja, instalou-se o controle e uma vigilância, agora não mais sobre o indivíduo, mas sobre a população através de estratégias regulamentadoras, como na atuação de políticas e campanhas de saúde.

Baseadas em Veiga-Neto (2006), entendemos que essas estratégias regulamentadoras da população têm como matriz a biopolítica exercida por meio de biopoderes colocados em funcionamento por diversas instâncias sociais, tais como escola, mídia, instituições governamentais e não governamentais, entre outras. Para compreender biopolítica e biopoder, Foucault nos remete a uma tecnologia de poder que, segundo ele, preocupa-se em maximizar a vida da população. “(...) os dispositivos de segurança, tais como procurei reconstitui-los (...) tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos” (FOUCAULT, 2008, p. 89). Assim, o biopoder cria um conjunto de ações (campanha de vacinação contra o HPV, distribuição gratuita de preservativos nas escolas e nas UBS, campanhas de prevenção à gravidez, entre outras) na busca da promoção da vida enquanto massa populacional. Tais estratégias para esta promoção, Foucault denominou de Biopolítica.

Tratando do biopoder, podemos dizer que o seu campo de exercício são os fenômenos coletivos que podem agir e afetar a população; assim, a ação dessa tecnologia de poder está constantemente prevenindo, calculando, antecipando, medindo, colocando em operação dispositivos que visam assegurar estrategicamente o bem-estar da massa de indivíduos. Assim, prevenção, segurança e regulação são as estratégias de controle das condutas individuais e coletivas, que visam o bem-estar da multiplicidade. (HENNING, GARRÉ, AIZAWA, 2010, p. 42)

A fim de exercer esse controle sobre a população, passou-se a falar da sexualidade, mas não somente para “condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular

para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (FOUCAULT, 2009, p. 31). Com isso, a escola “passa a ser pensada como um dispositivo político de intervenção privilegiado, buscando expandir o impacto sobre a população, através do controle da sexualidade de crianças e, principalmente, adolescentes” (ALTMANN, 2003, p. 285). Neste sentido, na escola os discursos sobre a sexualidade estiveram exclusivamente relacionados a aspectos biológicos (genitália dos sujeitos, Aids, DST, prevenção à gravidez na adolescência, entre outros relacionados a saúde/doença), enquanto as outras abordagens da sexualidade as quais envolvem desejo, prazer, identidades de gênero e sexuais, entre outras questões foram silenciadas no currículo escolar. Entretanto, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), instituídos na década de 90 como uma política pública educacional criada pelo Ministério da Educação (MEC), o discurso sobre a sexualidade avançou no sentido de se pensar em outras possibilidades de discussão desta temática que não somente a questões relacionadas à saúde do corpo. Por meio da transversalidade os PCN apresentam, em seus objetivos gerais, outras formas de compreender a sexualidade, como por exemplo.

Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino posicionando-se contra discriminações a eles associadas. (BRASIL, 1997, p. 311)

Compreendemos que temas transversais devem perpassar todas as áreas do conhecimento presentes no currículo escolar.

[...] por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações microsociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões (BRASIL, 1997a, p. 26).

Ao colocar a sexualidade como tema transversal, entende-se que esta temática ultrapassa – ou deveria ultrapassar – as fronteiras disciplinares, alcançando todas as áreas do conhecimento (ALTMANN, 2001). No entanto, mesmo as margens do currículo, “essas questões ganharam, no mundo contemporâneo, uma centralidade inegável. De certo modo, pode-se dizer que esses temas ou questões estão por toda parte: na mídia, nos discursos

médicos, religiosos, psicológicos, jurídicos, educacionais, entre outros” (RIBEIRO, 2008, p. 8).

Assim, a sexualidade é discutida, problematizada, explicada, normatizada e regulada por diversas instâncias culturais e campos dos saberes. Imersa a um “tabu” social, ao falar de sexualidade, acaba-se reafirmando seu trato pessoal e privado através dos discursos sobre atos sexuais, corpo humano, métodos contraceptivos, prevenção de doenças... Desta forma, falar de sexualidade em outra perspectiva implica mudanças, pois os entendimentos construídos são produzidos a partir de normas e “verdades” que precisam ser questionadas.

3.4.6 Os sujeitos da pesquisa e os “dados” da investigação

Os PCN estabelecem a saúde e a sexualidade como aspecto da vida cidadã e, assim como os demais, poderão ser considerados e relacionados com as áreas do conhecimento presentes no currículo da Educação Básica. Visando a integração desses aspectos e o desenvolvimento da temática nas propostas pedagógicas das escolas, o Ministério da Saúde, pela Coordenação Nacional de DST/AIDS, e o Ministério da Educação, com apoio da UNESCO e especialistas da área, em 2003 iniciaram o projeto SPE, com objetivo de reduzir a vulnerabilidade dos jovens, promovendo a saúde sexual e reprodutiva de forma ampla (BRASIL, 2008). Para tanto, o projeto privilegia o espaço da escola para o desenvolvimento de suas ações e passa a ter “agentes autorizadas/os” a tratar de sexualidade, as/os professoras/es multiplicadoras/es.

Neste sentido, consideramos importante questionar e refletir sobre a temática com essas/es profissionais, uma vez que desempenham o papel de multiplicadoras/es nas suas escolas, buscando a integração de todas/os no âmbito escolar (alunas/os, professoras/es, equipe diretiva, equipe pedagógica, ou seja, a comunidade em geral). Acreditamos, pois, que essas/es profissionais estão envolvidas/os na construção de projetos, inclusive o político – pedagógico, na gestão de suas instituições, na constituição do currículo escolar, bem como nas discussões relacionadas a implementação dos temas transversais (como orientação sexual, por exemplo).

Baseadas nos pressupostos de Jorge Larrosa (1996) e de Michael Connelly e Jean Clandinin (1995), consideramos que as estratégias de produção de dados utilizados funcionaram como um espaço narrativo, como um processo de contar histórias e ouvir histórias. Para Connelly e Clandinin:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. De esta idea general se deriva la tesis de que la educación es la contrición y la re-construcción de historias personales y sociales; tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás y en las suyas propias (1995, p. 11-12).

Percebemos que ao falar sobre suas práticas e sobre seus entendimentos relacionados à sexualidade, as/os professoras/es multiplicadoras/es estão contando suas histórias, relatando o que vivenciam ou vivenciaram ao longo de sua trajetória profissional, tendo a possibilidade de refletir sobre suas próprias práticas. Por esse viés, entendemos a narrativa como uma modalidade discursiva em que as pessoas reconstroem os sentidos tanto/quanto de suas experiências no processo de contar e ouvir histórias.

Para Larrosa (1996), cada um de nós se encontra já imerso em estruturas narrativas que lhe preexistem e que organizam de um modo particular a experiência, que impõem um significado à experiência. Por isso, a história de nossas vidas depende do conjunto de histórias que temos ouvido, em relação às quais temos aprendido a construir a nossa. A narrativa não é lugar de irrupção da subjetividade, senão a modalidade discursiva que estabelece a posição do sujeito e das regras de sua construção em uma trama. Desse modo, construímos e expressamos a nossa subjetividade a partir das formas linguísticas e discursivas que empregamos nas nossas narrativas.

Nesta perspectiva, as narrativas além de produzirem os “dados” desta investigação nos possibilitou discutir as concepções sobre sexualidade a fim de identificar dificuldades e avanços que enfrentam as/os professoras/es multiplicadoras/es do SPE.

3.4.7 (Des)Caminhos da sexualidade na escola: uma análise das narrativas de professoras/es multiplicadoras/es de Uruguaiana

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. (LOURO, 2010, p 57).

Implicados pela ação distintiva da escola, os sujeitos se constituem a partir de mecanismos de classificação, hierarquização, ordenamento sexista, que são permeados e produzidos nas e pelas relações de poder. Segundo Louro (2000, p. 85), a escola sendo uma das instâncias sociais e políticas é um espaço sexualizado e generificado, “onde a sexualidade se constitui em um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, exigindo atenção no contexto das políticas e dos programas educacionais”.

O ambiente escolar é um ativo constituidor de identidades – sexuais, de gênero, étnica, racial – através de seus “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, processos de avaliação” (LOURO, 2010, p. 64). Neste sentido, abordar a temática da sexualidade na escola torna-se uma questão fundamental. Entretanto, falar de sexualidade desafia educadoras/es, pois necessitam problematizar aquilo que consideram “verdade”, ou seja,

(...) precisamos derrubar essa barreira. Nós ainda temos a sexualidade muito associada a sexo, nós temos sexualidade muito voltada às relações corporais.

Professora multiplicadora H.

Primeiro eu preciso me familiarizar com o assunto (...) e eu preciso ser provocado para isso. (...) trazer a provocação, trazer para nós professores multiplicadores o estranhamento das ações consideradas normais, o estranhamento da normatização. Aquilo que é considerada normal, prática normal, para nós começarmos a fazer esse questionamento.

Professor multiplicador B.

Tais narrativas nos remetem a compreender as implicações deste movimento de refletir e significar nossas práticas cotidianas. Desta forma, corroboramos com Louro (2010) quando diz que:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as são ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (...). Temos de estar atentos/as, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. (p. 64).

A partir dessas considerações, sabemos que a escola é um espaço onde acontece um conjunto de processos que inscrevem os indivíduos em sujeitos de uma cultura. Se a escola acaba priorizando o conhecimento científico, acaba também interferindo na formação/constituição deste sujeito. E “atravessar, teoricamente, o campo da sexualidade e

das questões de gênero, perpassa por um caminho que não podemos, de antemão, classificar como científico” (CORREA, 2013, p. 44).

Nesse contexto, surgem dificuldades que se entrelaçam as questões de gestão escolar em relação à sexualidade, com indagações da linguagem normatizadora e da sociedade. Como percebemos nas narrativas do Professor Multiplicador B., quando expõem sobre a decisão de uma escola do município em relação às atividades de formação de multiplicadoras/es do SPE:

(...) hoje, a escola não tem nenhum representante no SPE, a direção da escola optou por não indicar nenhum, achou mais importante o professor lá na escola do que fazendo formação. Discordo um pouco desta visão, e, assim como em outras, eu acredito que na escola, aí eu não estou falando de uma escola e sim falando do sistema escolar, nós temos problemas muito sérios de gestão. É uma visão, que ainda é muito conservadora, que os gestores de escolas têm em relação à educação e isso me preocupa. Eu acho que a gente só consegue mudar, a gente só consegue reformar, reconstruir participando de formação, discutindo, tendo outras visões, outros olhares, ouvindo outras falas enquanto a gente não fizer esta troca, vamos continuar sendo escolas conservadoras.

Essa narrativa nos possibilita pensar nas dificuldades que as/os professoras/es enfrentam nas escolas para participar de projetos, cursos, oficinas, seminários, dentro outras atividades que exigem o afastamento da sala de aula. Entendemos que a liberação desses profissionais não é uma tarefa simples para a gestão das escolas, já que atualmente inexistem nas instituições de ensino a figura da/o professora/professor substituta/o.

Frente a essas questões, Maistro (2006) menciona que os PCN incitam a escola a refletir sobre o seu currículo, assim como sobre as necessidades de sua comunidade escolar quanto à realidade, devendo diversificar as práticas pedagógicas, uma vez que rompem a limitação da atuação das/os educadoras/es em relação às atividades formais e ampliam o leque de possibilidades para a formação da/o educanda/o. No entanto, Figueiró (2006) alega que todo o processo formativo das/os professoras/es, desde o magistério até as licenciaturas, não tem promovido seu preparo para abarcar os temas de sexualidade no cenário escolar. A autora, ainda complementa expondo que estes profissionais são “produtos” de uma sociedade que compreende a sexualidade ainda como algo proibido.

Corroborando a perspectiva de Figueiró (2006a), a formação quando direcionada para a orientação sexual, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional docente, e para a melhoria na qualidade de ensino. Quanto às/aos profissionais que já estão atuando, é imprescindível proporcionar-lhes cursos de formação continuada. No tocante a esta questão autora afirma que:

(...) se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e no processo ensino-aprendizagem como um todo. Ainda, especificamente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois refletir sobre questões ligadas à sexualidade e à Educação Sexual contribui, sobremaneira, para repensar o papel do professor. (FIGUEIRÓ, 2004a, p. 126).

Apresentamos, ainda, narrativas que seguem permeando esses entrelaçamentos quando expõem sobre a dificuldade no desenvolvimento de ações para discussão da sexualidade na escola:

Foi muito legal. Mas, eu encontrei muitas dificuldades para fazer a atividade. Porque os professores ainda têm uma preocupação conteudista, eles estão muito preocupados com a formação ampla do seu aluno, desde que seja com a sua disciplina, com o seu conteúdo. Professora Multiplicadora F.

(...) eu trabalho em uma escola que tem uma metodologia diferente, eu tenho que dar meus conteúdos, eu tenho que avaliar meus alunos, então as vezes eu deixo um pouco de lado essas questões, porque sou cobrada que tenho que dar aula, que eu tenho que fazer as avaliações. Professora Multiplicadora D.

Essas narrativas nos remetem para a necessidade dessas discussões estarem presentes no currículo oficial das escolas, pois, uma vez apresentada como tema transversal, sexualidade deve – ou deveria – permear todas as áreas do conhecimento, sendo discutida de forma ampla, para que assim, os olhares inquietantes voltados à discussão da temática possam ser ressignificados e a abordagem da sexualidade no currículo não passe a causar estranhamento, como podemos ainda perceber na narrativa da professora multiplicadora F.:

“Quando tu vai falar de sexualidade, já escutas pelos corredores: lá já vem ela falando daquelas coisas!”.

No entanto, frente às dificuldades para discussão sobre/de sexualidade, entendemos que os PCN, ao colocar sexualidade, entre outras temáticas, como temas transversais em seu documento acabam estabelecendo “aquilo que divide o currículo – que diz o que é conhecimento e o que não é” (SILVA, 2008, p. 197). Além disso, problematiza:

Quais os conhecimentos estão incluídos e quais conhecimentos estão excluídos do currículo? Quais os grupos sociais estão incluídos – e de que forma estão incluídos – e quais os grupos sociais estão excluídos? Como resultado dessas divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões sociais – de gênero, raça, classe – são produzidas ou reforçadas? (SILVA, 2008, p. 197).

Neste sentido, remetemos-nos à concepção de poder na perspectiva foucaultiana, como uma relação de ações sobre ações, algo que se exerce, que se efetua e funciona em rede. Nessa rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação e, conseqüentemente, de resistir a ele (FOUCAULT, 2006). Como essa rede, as distintas formas que passaram a atuar na sociedade, tiveram e têm, como efeitos simultâneos, a vigilância, a normatização, e a constituição da sexualidade. No entanto, ao contrário do que poderíamos prever, houve uma explosão discursiva “em torno e a propósito do sexo” (2009, p. 23), uma explosão discursiva, cercada cuidadosamente por mecanismos que regulam, normatizam e autorizam discursos sobre/de sexualidade. O autor ainda nos aponta, que, especialmente no século XX, sexualidade foi colocada como objeto de investigação científica na sociedade ocidental, houve um controle administrativo e uma preocupação social envolta desta explosão discursiva.

Atualmente existem diversas iniciativas governamentais que avançam à favor da inclusão de temas relacionados a sexualidade na escola em sua perspectiva mais ampla, um exemplo é o *Programa do Brasil Sem homofobia* (2004) que busca a consolidação das políticas educacionais em torno da Diversidade Sexual nas escolas e toda a sociedade brasileira; e isto tem provocado diversos debates para que a temática faça parte do currículo escolar. No entanto, como diz a professora multiplicadora D:

É preciso ter uma lei pra dizer que tu tens que trabalhar isso, uma coisa que vivemos diariamente. Então acho que tem que ter algumas mudanças, dificilmente né, na mentalidade das pessoas para que possamos falar tanto da sexualidade quanto de outros temas de maneira mais tranquila, para que tu tenhas um suporte pra fazer um trabalho legal dentro da sala de aula e no colégio.

Desta forma, percebemos mudanças no modo de entender a sexualidade, pois muitas/os professoras/es instigadas/os tanto por ações do projeto SPE, em torno da proposta de uma discussão sobre sexualidade de maneira mais ampla, quanto por iniciativas de participações em formação continuada de professores em Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2004), como nos remete o relato da professora multiplicadora E.:

(...) antes de participar do projeto, eu voltava a questão da sexualidade só para as questões de sexo, de relação. E hoje, eu participando dessas reuniões, tendo outras vivências, participando de cursos de formação, fazendo outras leituras eu comecei a ver a sexualidade

de outra maneira não só a questão de relação sexual, mas a questão do comportamento, do ser.

Frente aos impasses, dificuldades e avanços que envolvem a sexualidade na escola, consideramos que o/a educador/as tem papel fundamental ao abordar, questionar e refletir sobre essas temáticas no ambiente escolar, pois como bem retrata a professora multiplicadora H: “*acima de tudo o ser educador não é só transmitir conhecimento, mas é ajudar para que ele seja uma pessoa com conhecimento, consciência*”.

3.4.8 Enfim...

Buscamos neste artigo mostrar, a partir das narrativas de professoras/es multiplicadoras/es do SPE, como a temática sexualidade vem percorrendo um caminho cercado por resistências e por discursos legitimados que envolvem suas discussões. Com isso, percebemos que falar de/sobre sexualidade na escola vem desafiando educadoras/es, pois existem várias instâncias – família, igreja, mídia.. – e campos de saberes – biologia, psicologia, medicina... – que debatem, problematizam, regulam e normatizam a sexualidade.

Além disso, as narrativas apresentadas neste texto nos possibilitaram conhecer situações que envolveram as questões de sexualidade e refletir sobre tais experiências, nos permitiram evidenciar a importância dos impasses, das dificuldades e dos avanços para as questões de sexualidade fossem repensadas para a construção de políticas educacionais voltadas para sua inclusão no currículo escolar. Neste sentido, contribuíram e contribuem para que as/os profissionais da educação (re)pensem sobre as discussões de sexualidade, desestabilizando aqueles discursos que se encontram naturalizados na sociedade e desta forma permitam a manifestação de outras formas de compreender a sexualidade.

Neste sentido, ressalta-se a emergência do diálogo da temática com as diversas áreas do conhecimento, a fim de que as discussões sobre sexualidade não se constituam como um momento pontual, isolado ou ainda com discursos, lugares e sujeitos autorizados.

3.4.9 Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 09, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2014.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 281 – 315, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12>> Acesso em: 30 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, 1997.

_____. **Brasil Sem Homofobia:** Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Ministério da Saúde. Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.** Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2008.

CORREA, Christina Mirella de Andrade. Educação, Lei e sexualidade: a importância da discussão sobre os padrões normativos do comportamento sexual e de gênero na escola. In: MAIO, Eliane Rose. CORREA, Christina Mirella de Andrade. (Org.). **Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares.** Maringá: Eduem, 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A formação de educadores sexuais. In: EDUCERE, 4, CONGRESSO NACIONAL DA ÁREA DA EDUCAÇÃO, 2., 2004, Paraná. **Anais IV EDUCERE II Congresso Nacional da Área de Educação.** Paraná: PUCPR, 2004. Disponível em <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/paginas/educere.htm>> Acesso em: 30 jul. 2014.

_____. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004a. p. 115-151.

_____. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas.** Santa Catarina: UDESC, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132>> Acesso em 05. ago. 2014.

_____. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 02 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. AIZAWA, Priscila. Uma trilogia da temática homem nas obras de Michel Foucault: representação, disciplina e biopolítica. In: HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. LUVIELMO, Marisa de Mello. (Orgs.). **Biopolítica e governamentalidade: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea.** Rio Grande: FURG, 2010. p. 33 – 47.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiência de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Cadernos Educação Básica 4. 2. ed. Porto Alegre. RS: Mediação, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. p. 7-34.

MAISTRO, Virginia. Iara de Andrade. **Projeto de orientação sexual na escola: seus limites e possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000115892>> Acesso em: 05. Ago. 2014.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Introdução. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008. p. 8 – 9.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a história da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008a. p. 8 – 9.

_____. Revisitando a história da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008a. p. 11 –16.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social territórios contestados. In: _____. (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190-207.

VEIGA-NETO, Alfredo. Biopolítica, Estado Moderno e Inclusão na Escola. **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, UNISINOS, ano 2, n.7, p. 98-101, 2006.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA – PESQUISADORA

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada.

(FREIRE, 1994, p. 33)

Enfim, é chegado o momento de finalizar este trabalho, posso dizer que este é um momento singular, pois me traz a alegria da sensação de uma etapa alcançada e me faz retornar ao início desta trajetória, revivendo minhas histórias e dando novos significados a todas as angústias e inquietações que fizeram parte deste percurso, que a cada dia foi sendo substituído pela satisfação e pelo prazer de poder contribuir com a (re)construção de conhecimentos.

Desta forma, ao chegar nesta etapa é importante problematizar sobre a contribuição desta pesquisa para a minha formação como professora, como sujeito de múltiplas identidades. Com isso, fui inclinada a questionar a minha conturbada trajetória...

Minhas identidades foram sendo constituídas a partir das interpelações de minhas vivências dentro dos diversos espaços culturais que transitava e transito – escola, família, entre outros. Contudo, durante estes períodos iniciais dentro da escola, como educanda, não havia construído perspectiva para formação em nível superior, somente o sonho, entretanto a licenciatura não os habitava. Talvez pela questão desta profissão não instigar meus anseios naquele momento, talvez demarcada pela questão de não me reconhecer nos espaços educativos em que transitei na educação básica... O não me reconhecer na profissão, consequência das múltiplas interpelações de uma sala de aula referenciada pela sociedade patriarcal. No entanto, não sabia e nem imaginava a dimensão daquilo que vivenciava e do quanto era constantemente “bombardeada” por essas pedagogias.

A emergência da qualificação em nível superior se tornou real e a partir daí fui instigada a questionar a escola como uma das principais instâncias culturais responsáveis pelo processo de constituição das identidades individuais, que são múltiplas, mutáveis, contraditórias... Num tempo em crise de “certezas”, foi o desejo de problematizar a sala de aula – que não apresentava professoras/es negras/os, que ao abordar as questões de sexualidade, de gênero e relações étnico-raciais acabavam legitimando discursos hegemônicos, o espaço escolar que tanto inquietou a construção de minhas identidades – que

ampliou minhas possibilidades de reflexão e que me motivaram inicialmente a encontrar o “amadurecimento” acadêmico e a encontrar respostas às perguntas em diferentes áreas.

Ao desenvolver esta pesquisa, minha intensão foi continuar investigando a escola e o modo como discute a temática sexualidade. Para isso, tomei o projeto SPE como objeto de investigação, já que este prevê em seus objetivos discutir, através de suas/seus professoras/es multiplicadoras/es, a sexualidade dentro do espaço escolar. Desta forma, ao compartilharem suas histórias, as/os professoras/es multiplicadoras/es participantes não só colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa, mas me possibilitaram transitar novamente nos caminhos da escola de modo que os reinventasse, atribuindo as minhas vivências novos significados e refletindo sobre as diferentes perspectivas da sexualidade que se evidenciam nas práticas escolares. Permitiram-me desconstruir a imagem de uma escola que não se reinventa ao mesmo passo que as sociedades.

A realização da pesquisa me possibilitou perceber como a sexualidade vem sendo abordada no contexto do SPE. Assim, ao me remeter a esta investigação percebi que o projeto vem articulando aos seus discursos outras formas de compreender a sexualidade, o que não desprivilegia a abordagem biológica. Desta forma, desacomoda professoras/es a fim de que possam ressignificar seus entendimentos sobre a sexualidade e refletir sobre suas práticas pedagógicas.

Ao desacomodar minhas certezas, a pesquisa me fez protagonizar o papel de pesquisadora, uma vez que me fez envolver com o processo investigativo na tentativa de superar as limitações impostas pela objetividade de formalismos disciplinares, que por vezes regulam e impõem abordagens a serem estritamente reproduzidas. No entanto, hoje tenho a certeza de que comecei a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes “podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida” (COSTA, 2007, p. 14).

Assim, levo desta pesquisa a importância do questionar, refletir e estranhar a visão convencionalmente aceita, de discursos e abordagens que envolvem a sexualidade. De forma a repensar as experiências de nossas formações, acolhendo aquilo de impensável e insatisfeito para que sejam (re)transformados em abordagens que instiguem e colaborem para a constituição de sujeitos capazes de reconstruir uma sociedade que não nos rotule e/ou nos enquadre em sistemas que ignoram as diversidades que existem.

Mas se essa é uma grande batalha, está longe de ser uma batalha perdida. A história continua, e narra sobre *novos* sujeitos, *novos* movimentos sociais, *novos* gêneros

sexuais e tantas outras identidades quantas os *óculos* deixarem ver, as possibilidades de interpretação permitirem compreender, e a flexibilidade cultural, social e política puder admitir. (COSTA, 2007, p. 18).

5 PERSPECTIVAS FUTURAS – SAINDO DA ZONA DE CONFORTO

*Para nós que, mais do que trabalhamos,
“militamos” na seara da educação.
(COSTA, 2007, p.14).*

É um desafio que assumo, agora, delinear sobre perspectivas futuras, no entanto, é necessário...

Instigada pelos caminhos da graduação, que me levaram a percorrer os campos da pesquisa, ensino e extensão através da iniciação científica e a iniciação à docência, compreendi que o processo de construção do conhecimento incluiu a busca incessante e curiosa e que a formação de uma/um cientista pode ter início muito precocemente, porém é convencional que ocorra durante o nível superior.

Tais caminhos me proporcionaram experiências e vivências dentro de diversos contextos socioculturais com realidades diferentes daqueles que transitava até então, isto me remeteu a ampliar as possibilidades que tinha em relação à vida pessoal e profissional. Além disso, fez com que eu percebesse o meu papel social de sujeito inserido em uma sociedade que precisa se (re)transformar. E para que isso aconteça é necessário investir na Educação Básica e na Educação Superior, pois estes são os locais centrais onde os sujeitos da sociedade se constituem, se constroem, enfim se “transformam” em sujeitos.

Percebo que avançamos e temos avançado, como sociedade do conhecimento, em muitos campos das ciências, da tecnologia... e no acesso ao Ensino Superior. No entanto, é momento de avançarmos na Educação Básica. Deste modo, entendo que seja um compromisso político assumir o papel de educadora, pois colaborar para a construção do conhecimento representa um esforço social em busca dessa (re)transformação da sociedade, ou simplesmente em busca de instigar os sujeitos para o conhecimento.

Com isso, integro-me ao compromisso social de ser formada por esta Instituição, que instalada em uma região marcada por baixos índices de desenvolvimento, está “comprometida com o desenvolvimento e principalmente com a formação de agentes para atuar em prol da região” (UNIPAMPA, 2013, p. 13).

Desta forma, posso sublinhar que minha perspectiva futura é não me afastar das discussões das temáticas de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais, mas aprofundar-me nas vertentes pós-estruturalistas dos Estudos Culturais para poder desenvolver discussões de tais temáticas. Para isso, buscarei especialização em programas de pós-graduação *lato* ou

stricto sensu nas áreas de educação e educação em ciências, áreas afins deste curso de graduação. Tendo conquistado tal perspectiva, a intenção é colaborar para o desenvolvimento de projetos e ações que visem o município de Uruguaiana, pois a cidade necessita de avanços nestas e nas demais áreas que envolvem o processo educativo.

De tudo,

Ficaram três coisas:

a certeza de que estamos começando,

a certeza de que é preciso continuar,

*a certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar,*

Fazer da interrupção um caminho novo

da queda, um passo de dança

do medo, uma escada

do sonho, uma ponte,

da procura, um encontro.

Fica o desejo de boa sorte,

Fica a vontade que lutes e venças.

Fernando Sabino

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 09, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2014.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 281 – 315, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12>> Acesso em: 30 jul. 2014.

ARAÚJO, Cátia Rosana L. de. MARQUES, Dilva Carvalho. (Orgs.). **Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos**: conforme ABNT. 3.ed. rev. e ampl. Bagé: Universidade Federal do Pampa, 2013. Disponível em: <<http://porteiras.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/12/Manual-de-Normaliza%C3%A7%C3%A3o-3.-ed.-2013.pdf>> Acesso em: 28. jul. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMA TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação (sexual) e sexualidade**: o velado e o aparente. Disponível em: <<http://www.geocities.com/athens/itheca/9565/Tese/inidicee.html>> Acesso em: 14 jul. 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394/1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Ministério da Saúde. Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2008.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 21. n.1., p. 71-96, jun/jul.1996.

CONNELLY, Michael; CLANDINNIN, Jean. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, Jorge. et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995. P. 11- 59.

CORREA, Christina Mirella de Andrade. Educação, Lei e sexualidade: a importância da discussão sobre os padrões normativos do comportamento sexual e de gênero na escola. In: MAIO, Eliane Rose. CORREA, Christina Mirella de Andrade. (Org.). **Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares**. Maringá: Eduem, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber. Introdução. Novos olhares na pesquisa em educação. In:_____. (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13 – 22.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A formação de educadores sexuais. In: EDUCERE, 4, CONGRESSO NACIONAL DA ÁREA DA EDUCAÇÃO, 2., 2004, Paraná. **Anais IV EDUCERE II Congresso Nacional da Área de Educação**. Paraná: PUCPR, 2004. Disponível em <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/paginas/educere.htm>> Acesso em: 30 jul. 2014.

_____. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004a. p. 115-151.

_____. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**. Santa Catarina: UDESC, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132>> Acesso em 05. ago. 2014.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970- 1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 02 de dezembro de 1970**. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e transformação**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOMES, Maria Rebeca Otero; VIEIRA, Nadjanara. Saúde e Prevenção nas Escolas: promovendo a educação em sexualidade no Brasil. **Revista Tempus Actas em Saúde Coletiva**, 2010. P. 145-157.

HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. AIZAWA, Priscila. Uma trilogia da temáticahomem nas obras de Michel Foucault: representação, disciplina e biopolítica. In: HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. LUVIELMO, Marisa de Mello. (Orgs.). **Biopolítica e governamentalidade: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea**. Rio Grande: FURG, 2010. p. 33 – 47.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades@. IBGE, 2010. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=432240> >. Acesso em: 30 jun. 2014.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiência de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Cadernos Educação Básica 4. 2. ed. Porto Alegre. RS: Mediação, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. P. 7-34.

MAISTRO, Virginia. Iara de Andrade. **Projeto de orientação sexual na escola: seus limites e possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000115892>> Acesso em: 05. Ago. 2014.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o principio da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

MOREIRA, B. ROCHA, J. B. T. PUNTEL, R. FOLMER, V. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias (REEC)** v. 10, n.1, 64-83. 2011. Disponível em: http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf Acessado em: 30 jun. 2014.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a história da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2002. 125f. Tese – Doutorado em Ciências Biológicas (Bioquímica), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. Introdução. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008. p. 8 – 9.

_____. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: SEFFNER, Fernando [et al]. SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Méri Rosane Santos da., RIBEIRO, Paula Regina Costa. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais.** Rio Grande: Ed. FURG, 2006. P. 109-118.

_____. (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** 2. ed. revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008. P. 11-17.

_____. A sexualidade e o discurso biológico. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** Caderno Pedagógico Anos Finais. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008b. P. 35-38.

_____. Sexualidade e escola. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** Caderno Pedagógico Anos Iniciais. 3. ed. revisada. Rio Grande: FURG, 2013. P. 44-47.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Políticas e campanhas de saúde estratégias de governo da população. In: HENNING, Paula Corrêa. GARRÉ, Bárbara Hess. LUVIELMO, Marisa de Mello. (Orgs.). **Biopolítica e governamentalidade: modos de fazer e gerenciar a educação contemporânea.** Rio Grande: FURG, 2010. p. 74 – 87

SILVA, Fabiane Ferreira da. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria. Billig. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação.** Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. P. 146 - 157.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social territórios contestados. In: _____. (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190-207.

_____. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014 - 2018.** Bagé: UNIPAMPA, 2013. Disponível em: <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/consuni/files/2010/06/Res.-71_2014-PDI.pdf> Acesso em: 01. ago. 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Biopolítica, Estado Moderno e Inclusão na Escola. **Cadernos IHU em formação.** São Leopoldo, UNISINOS, ano 2, n.7, p. 98-101, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 35-82.

ANEXO A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA DAS/OS PROFESSORAS/ES MULTIPLICADORAS/ES

Título do Projeto de Pesquisa: Sexualidade na Escola: estratégias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiana/RS

- 1 - Como surgiu teu interesse em participar da equipe do SPE como agente multiplicador/a?
- 2- Qual teu entendimento sobre a sexualidade?
- 3 - Que tipo de capacitação o programa oferece para os/as multiplicadores? Qual a periodicidade?
- 4- Desde quando faz parte do programa SPE?
- 5- Quais tuas ações na escola como multiplicador/a?
- 6- Fale da importância do programa de acordo com os teus entendimentos sobre sexualidade?
- 7- Fale da importância do programa para a escola e aluno/as?

ANEXO B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS DE PESQUISA

Título do Projeto de Pesquisa: Sexualidade na Escola: estratégias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiana/RS

Professora proponente: Fabiane Ferreira da Silva

Telefone para contato: (55)96281568

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Campus Uruguaiana

Esta pesquisa toma com *corpus* de análise as narrativas produzidas pelos/as multiplicadores/as do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas durante entrevista semiestruturada. A fim de obedecer as questões éticas, a pesquisadora do presente projeto se compromete em preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa. Portanto, os nomes dos/das participantes ou qualquer questão que possa vir a identificar o/a participante (nome da escola, nome de outras pessoas, entre outros aspectos) serão suprimidos das narrativas e, desta forma, não serão divulgados nas produções científicas e nas apresentações de trabalhos em eventos. Além disso, as narrativas produzidas pelos/as participantes serão utilizadas única e exclusivamente para a execução desta pesquisa.

Uruguaiana, ____ de ____ de 20 ____.

Fabiane Ferreira da Silva
RG 1070981533

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA⁷:

Título do Projeto: Sexualidade na Escola: estratégias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiiana/RS

Pesquisadora Responsável: Fabiane Ferreira da Silva
Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): 55-96281565
Acadêmica/Pesquisadora: Cristiane Barbosa Soares
E-mail para contato: fabianesilva@unipampa.edu.br ou cristi.soa@gmail.com

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa “Sexualidade na Escola: estratégias do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas em Uruguaiiana/RS”, projeto de pesquisa que faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Campus Uruguaiiana. O objetivo da pesquisa é analisar as estratégias utilizadas pelo Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) de Uruguaiiana/RS ao abordar a temática sexualidade nas escolas e se justifica pela necessidade e importância desta temática ser trabalhada no contexto escolar. Sua participação será na forma de entrevista, onde buscaremos conhecer suas narrativas referente às questões de sexualidade e, através de seus discursos, conhecer suas articulações como multiplicador/a do projeto ao abordar este tema. A entrevista será gravada e as declarações serão registradas para posterior estudo.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. Após ser esclarecido/a sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

A pesquisa adota como metodologia a Investigação Narrativa. Para tanto, esta pesquisa analisará as narrativas produzidas pelos/as multiplicadores/as do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas durante entrevista semiestruturada. As narrativas serão analisadas com a única finalidade de produzir esta pesquisa, portanto, seu nome não será divulgado em nenhum

⁷ Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiiana – RS. Telefone: (55) 3413 4321 - Ramal 2289 ou ligações a cobrar para 55-84541112. E-mail: cep@unipampa.edu.br.

momento, do mesmo modo, qualquer aspecto que possa identificá-lo/a será suprimido da narrativa. A tua participação nesta pesquisa irá contribuir significativamente para a produção de conhecimentos sobre a temática da sexualidade no contexto atual. Durante a realização da entrevista você poderá sentir algum desconforto emocional que pode ser provocado pelas perguntas que serão realizadas. No entanto, você pode se recusar a responder qualquer pergunta. Para melhor compreensão das informações, as entrevistas serão gravadas, transcritas e devolvidas para que você possa modificar a entrevista, se assim desejar. Os materiais coletados ficarão sob responsabilidade da pesquisadora responsável por cinco anos, após esse período serão queimados e apagados do banco de dados.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelas pesquisadoras, como despesas com deslocamento e material de consumo. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável. Os resultados poderão ser divulgados e apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Garantimos que os dados obtidos através das entrevistas serão compilados e esses resultados retornarão ao grupo gestor municipal do projeto, na forma de apresentação para todo o grupo SPE de Uruguaiana, para se tornar um recurso a ser consultado para que sejam traçados caminhos a serem percorridos na escola direcionando ações preventivas, visando à construção de ações inclusivas no contexto da escola.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Nome da Pesquisadora Responsável: Fabiane Ferreira da Silva

Local e data _____/_____/_____.

**ANEXO D – NORMAS PARA SUBMISSÃO VII CONGRESSO INTERNACIONAL
DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH**

TÍTULO CENTRALIZADO

SOBRENOME, Nome ¹.
(idem se houverem demais autorxs)

Resumo (de 05 a 10 linhas)

Palavras-chave: (de 03 a 05 palavras-chave).

Demais recomendações:

Formato PDF (Portable Document Format, extensão em .pdf)

Entre 8 (oito) e 12 (doze) páginas, incluindo bibliografia

Fonte Times New Roman, corpo 12

Papel A4, páginas não numeradas

Espaçamento do texto entre linhas 1,5

Primeira linha de cada parágrafo com recuo padrão (1,25cm)

Sem espaço entre os parágrafos

Espaçamento das citações simples com recuo padrão (1,25cm)

Margens: superior 2,5cm; inferior 2cm; esquerda 3cm; direita 3cm

Tamanho do arquivo: máximo de 2Mb (Megabytes)

Indicar em nota de rodapé o(s) vínculo institucional e e-mail dx(s) autorx(s).

ANEXO E – NORMAS PARA SUBMISSÃO VI SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, II ENCONTRO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

- Comunicação Oral

A submissão de resumos expandidos para esta modalidade se fará **de 20 de janeiro a 31 de março de 2014**. Cada proposta poderá ser encaminhada a um Eixo Temático seguida de outras duas opções de Eixo. Uma vez encaminhada, não será permitida a substituição de ET. O documento deverá ter de 2.500 a 6.000 caracteres com espaço, incluindo título, nome do(a) autor(a) e coautor(a) (se houver), instituição de origem, ET a que se destina, *e-mail(s)* para contato, resumo e entre três a cinco palavras-chave.

O Comitê Organizador encaminhará os resumos que atendam às normas de formatação para os(as) coordenadores(as) dos ET que remeterão aos(às) pareceristas para avaliação das propostas. A resposta da avaliação será encaminhada **a partir de 31 de maio de 2014**, para os *e-mails* que constarem na ficha de inscrição. Os resultados também serão divulgados na página do evento.

Com o resumo aprovado, o(a) autor(a) e o(a) coautor(a) deverá(ão) efetivar o pagamento de sua inscrição garantindo a sua apresentação e a publicação do resumo no *e-book*. Os textos completos encaminhados até dia **30 de junho de 2014** serão publicados no *e-book*, desde que aprovados pelos responsáveis pela avaliação no ET.

O texto completo deve manter, obrigatoriamente, relação com resumo aprovado, contendo o mesmo título. Qualquer incompatibilidade entre o resumo e o texto completo e entre este e as normas de publicação será comunicada ao(às) autor(as) e coautor(as) para que façam as devidas alterações, sob pena de não ser publicado o texto integral, nestes casos, somente o resumo será publicado. O não envio do texto completo, assim como a sua não aprovação, não inviabiliza a apresentação do trabalho. Os textos completos devem ter, no mínimo, 35 mil e, no máximo, 45 mil caracteres com espaços, incluindo as referências e as notas.

ANEXO F – NORMAS PARA SUBMISSÃO ANAIS DO III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:

TÍTULO DO TRABALHO

Deve estar na fonte Times New Roman, tamanho 14, negrito, centralizado, maiúscula e espaçamento simples entre linhas.

Nome do autor principal⁸

Nome do coautor⁹

Nome do coautor¹⁰

Primeiro deve constar o nome do autor principal (que será o apresentador do trabalho); alinhado à direita, seguido dos nomes dos coautores com espaçamento simples entre linhas. Todos os nomes devem estar completos, por extenso e sem abreviaturas.

Eixo Temático:

Palavras-chave: Devem ser separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto, até três palavras-chave, em alinhamento justificado.

Subtítulos: em negrito, justificado, maiúscula/minúscula e espaçamento 1,5 entre linhas.

Texto: justificado, espaçamento de 1,5 entre linhas, fonte Times New Roman tamanho 12 (exceto nas notas de rodapé e nas citações em bloco).

No corpo do trabalho deve constar todos os itens do trabalho acadêmico, evitando-se o uso de rodapés. Tamanho mínimo de 2 e máximo de 3 laudas.

Referências: segundo as normas da ABNT.

⁸ Filiação institucional e endereço eletrônico: alinhado à esquerda

⁹ Filiação institucional e endereço eletrônico: alinhado à esquerda

¹⁰ Filiação institucional e endereço eletrônico: alinhado à esquerda

ANEXO G – NORMAS PARA SUBMISSÃO REVISTA CIÊNCIA & EDUCAÇÃO.

Instruções aos autores

ISSN

Impressa– 1516-7313 Eletrônica - Submetida ao IBICT

Apresentação dos trabalhos

Ciência & Educação aceita colaborações em português, espanhol e inglês. Os originais devem ser enviados com texto digitado em Word for Windows, fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo, com até 15 laudas e aproximadamente trinta linhas por lauda.

Todos os originais submetidos à publicação devem dispor de um resumo do trabalho, com no máximo 150 palavras, bem como de até cinco palavras-chave alusivas à temática do trabalho, em português ou espanhol e inglês.

Na folha de rosto deve constar o título do trabalho (em português ou espanhol e inglês) e afiliação completa de todos os autores (nome completo, formação, cargo e/ou função, vínculo institucional (instituição, unidade, departamento, local de origem), endereço, telefone e endereço eletrônico).

Na primeira página do texto deve constar o título completo do artigo em português e/ou espanhol e inglês, resumo em português e/ou espanhol, inglês (abstract) de até 150 palavras, palavras-chave/keywords (nos dois idiomas), omitindo-se o nome do autor. Os descritores do artigo (palavras-chave e keywords) devem refletir da melhor maneira possível o conteúdo abordado no artigo, uma forma de pronta localização da temática pelos usuários.

Os originais devem ser submetidos aos cuidados do editor por correio eletrônico (revista@fc.unesp.br) e não serão devolvidos aos autores.

Ilustrações

Tabelas, figuras, gráficos e desenhos devem ser enviados em páginas separadas, em formato word, excel, ou nos formatos de figura (extensão tif ou jpeg), respeitando o tamanho da página da revista, utilizando a fonte Arial 9 (normal ou bold), com legendas e numeração (também em Arial 9). Imagens digitalizadas podem ser enviadas por meio eletrônico com as

seguintes especificações: resolução de 400 dpi em tamanho natural e salvas em arquivo com extensão tif ou jpeg. Como a revista não imprime páginas coloridas, os autores devem enviar gráficos e imagens em preto e branco ou tons de cinza.

Notas de rodapé

Devem ser numeradas, sucintas e usadas somente quando estritamente necessário.

Citações

Citações literais no texto devem subordinar-se à forma (Autor, data e página), conforme Norma ABNT (NBR 10520/2002). Os autores citados devem constar das referências listadas no final do texto, em ordem alfabética, segundo normas da ABNT (NBR 6023/2002) conforme exemplos:

Livros

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

Artigos em revistas

VILLANI, A.; SANTANA, D. A. analisando as interações dos participantes numa disciplina de Física. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 10, n. 2, p. 197-217, 2004.

Teses

ZULIANI, S. R. Q. A. *A utilização da metodologia investigativa na aprendizagem de química experimental*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2000.

Eventos

VILLANI, A.; ARRUDA, S. M.; LABURU, C. E. perfil conceitual e/ou perfil subjetivo? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS , 3., 2001, Atibaia. Anais... Atibaia, 2001. 1 CD-ROM.

Capítulos de livros

KLEIN, J. T. Ensino interdisciplinar: didática e teoria. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.) Didática e interdisciplinaridade. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 109-132.

Documentos eletrônicos

WAGNER, C. D.; PERSSON, P. B. Chaos in cardiovascular system: an update. *Cardiovasc. Res.*, v.40, p. 257-64, 1998. Disponível em: < <http://www.probe.br/science.html> >. Acesso em: 20 jun. 1999.

O(s) autor(es) deve(m) verificar se os endereços eletrônicos (url) citados no texto estão ativos.

Análise e Aprovação dos artigos submetidos

Somente textos inéditos são aceitos em *Ciência & Educação*. Os autores devem indicar se a pesquisa é financiada, se foi aprovada por Comitê de Ética da área e se há conflitos de interesse.

Todo texto submetido à publicação é analisado previamente pelo editor e, se atender ao escopo da revista, encaminhado pelo Conselho Editorial para revisão a, no mínimo, dois pareceristas (peer review), que o analisarão segundo critérios definidos pelo Conselho Editorial. O artigo será devolvido ao(s) autor(es), caso os relatores sugiram mudanças e/ou correções. Em caso de divergência de pareceres, o texto será encaminhado a um terceiro relator, para arbitragem. A publicação do trabalho implica a cessão integral dos direitos autorais à *Ciência & Educação*.

Não é permitida a reprodução parcial ou total de artigos e matérias publicadas sem a citação da fonte.

Os conteúdos veiculados nos textos são de responsabilidade dos autores, não coincidindo, necessariamente, com o ponto de vista do Editor ou do Conselho Editorial da revista. A critério do Conselho Editorial poderão ser aceitos artigos de crítica, defesas e/ou comentários sobre artigos publicados na revista.